O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 4 DE MAIO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:790

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A QUESTÃO DOS VINHOS. —A QUESTÃO DE LOURENÇO MARQUES. —CARTA DE LISBOA. — NOTICIARIO. —AS AGUAS DE VIDAGO.—ANTONIO JOAQUIM DE FREITAS.—CARTA DE LISBOA. —SECÇÃO PARLAMENTAR.—COMMUNICADOS.—SECÇÃO AGRICOLA. —SECÇÃO LITTERARIA.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM: IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.—CARTA DO PORTO.

AVEIRO

A QUESTAO DOS VINHOS

A *grève* dos commerciantes foi uma empreza sobre posse. Quizeram alguns d'elles cumprir á risca a palavra que deram, e não se importaram das consequencias. Fecharam os seus armazães, e mandaram para a rua os matulas. Suppozeram que assim criavam difficuldades ao governo. Mas para ellas serem serias era mister, que a opinião do Porto, acompanhasse o movimento. E para isso tinha-se de tomar em consideração a causa determinante do sucesso, a sua rasão de ser.

A *grève* era um capricho d'algumas casas exportadoras, na sua grande maioria estrangeiras. Tinham-se opposto á criação das companhias vinicolas, com receio da concorrencia. E como o governo não attendesse as suas reclamações, recorreram áquella manifestação com o intuito de que, promovendo a queda do ministerio, lhe succederia uma situação que lhes fizesse a vontade.

Por cautella executaram agora os seus planos, depois de haverem expedido para o estrangeiro os seus vinhos, realisando primeiro transacções valiosas. Foi este o motivo do adiamento, desarmando os arraiaes em fevereiro, porque urgia dar primeiro saída a uma parte dos seus productos. E por isso nos armazães de Villa Nova se trabalhou noite e dia, a fim de que a *grève* começasse logo nos principios de maio.

Os commerciantes suspenderam os trabalhos, mas os matulas ficaram do mesmo modo assoldadados, ou pequena diminuição soffreram nos seus salarios, tendo-os assim á mão, para fazerem d'elles o que quizerem. E' por tanto uma *grève* de caracter particular. Os patrões são os empreiteiros do movimento, que é limitado a uma classe pouco numerosa, e ainda assim de concelhos e districtos differentes, pois que muitos operarios são de Esmoriz, Cortegaça, Paramos, e Anta, e até de Vallega, recolhendo ao sabbado á noite a suas casas, para regressarem a Villa Nova na manhã de segunda-feira.

Esta população estranha ao local em que se occupa, não pode nem deve ser consentida fóra dos seus domicilios, desde que cessou o trabalho nos armazães. E a que for de Villa Nova, pela mesma razão não pode nem deve atravessar o Douro, para ir á cidade fazer tumultos, a tanto por cabeça. As auctoridades locaes devem vigiar para que não se abuse da subserviencia de gente ignorante e rude, porque a *grève* feita com taes elementos é uma manifestação de desordem assoldadada por especuladores, cuja intenção criminosa não pode ficar impune.

E lembramos mais, que sendo publico e notorio, por assim o dizerem, que taes e taes negociantes tencionavam fazer *grève* para obrigar o governo a capitular, sendo isto um crime, cumpre que a auctoridade judicial tome conhecimento do facto, instaurando-se contra os auctores d'elle o competente processo. Ha casos em que a tolerancia é um grande mal, a que cumpre obviar dando ás leis a devida execução.

Repetimos: que a *grève* dos vinhos é perfeitamente artificial, e que tolerál-a é dar azo a maiores demonstrações contra os poderes constituidos. E' preciso acabar com os potentados, que ousam contra-por-se á auctoridade publica, supondo que dispõem da força necessaria para mudar os destinos da nação. E' tempo de que todos se convençam que a anarquia não substitue a ordem, nem que o capricho de uma classe pode fazer frente aos actos legaes da administração.

E porque o governo não pode recuar n'esta questão, aconselhamol-o a que proceda com energia, salvando os principios e não transigindo com os que se levantam contra ás leis do paiz. De ter sido ás vezes condescendente com exigencias tumultuarias, lhe tem resultado amargos de boca, tirando d'ahi alguns a conclusão, de que ou é fraco, ou não tem amor aos principios. E n'essas transigencias, determinadas mais por prudencia que por a boa politica, veem desprestigio para as instituições, os que folgam com a desordem, e procuram á sombra d'ella grangear melhor os seus interesses.

A questão dos vinhos é mesquinha, miseravel para quem a promove. Não pode a politica explorál-a a seu sabor, e quando o faça, attenda a que tudo na vida tem as suas compensações e que cedo ou tarde virá castigal-o a pena de talião.

A QUESTAO DE LOURENÇO MARQUES

F' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

Hontem, na camara dos deputados, foi mandada para a meza pelo sr. Pinheiro Chagas uma nota d'interpellação, ácerca do caminho de ferro de Lourenço Marques e da sua ligação com o do Transwal.

Como todos sabem, esta inserpellação origina-se no facto de haver o sr. Fuschini levantado, ha dias, a ponta de um veu, que cobria um mysterio ultramarino, dentro do qual estava escondido e silencioso um grande escandalo regenerador.

O sr. Chagas para não ser obrigado a vir á estacada defender-se, apresentou-se voluntariamente. A nobreza de ministro é como a de sangue. Obriga tambem. A pendencia será pois brevemente resolvida, porque o sr. ministro da marinha deu-se immediatamente por habilitado a responder á annunciada interpellação.

Os termos da sua solução para o paiz todos os conhecem já. Sobre a negociação peza já como uma campa a fatalidade dos factos consumados. A situação regeneradora ficará com a sua responsabilidade preza por uma grilheta á deploravel concessão. A progressista, essa ficará apenas com o desgosto de não poder remediar o erro funesto dos seus antecessores.

A esse erro funesto chama o *Dia* a *Trapalhada de Lourenço Marques*. E' ainda um doce e suave euphemismo. Transcrevemos o primeiro trecho d'esse magnifico artigo de um jornal insuspeito para os regeneradores, que a toda a hora o estão invocando, para agredir o governo com a imparcialidade dos seus claros juizos. Pois bem, o oraculo diz-lhes o seguinte:

O governo actual não pode deixar de reconhecer, como fez o sr. ministro da marinha, que outro governo, leviano ou corrupto, concedeu á companhia do caminho de ferro de Lourenço Marques a liberdade de tarifas; mas sempre que fizer esse reconhecimento de viva voz, deverá em seguida enxaguar a bocca, e sempre que o fizer por escripto, terá de limpar a penna. Semelhante concessão, tanto por si como pela fórma como foi feita, é uma das maiores,—com licença do sr. Arroyo,—uma das maiores *porcarias* do monturo de illegalidades, favoritismos, acclarações, fraudes e escandalos, com que as administrações regeneradoras deixaram pejadas as secretarias de Estado, e uma *porcaria* que nem ao menos pode lavar-se a occultas, em familia, porque o seu fetido espalhou-se desde o sul da Africa até Londres e Haya. Não é possivel encobril-a e negar-lhe as consequencias, convertidas em direitos; mas toda a gente tem a obrigação, moral ou politica, de provar que não metteu nem quer metter n'ella as mãos, e a todos os governos cumpre evitar que os seus salpicos maculem o brazão nacional, lançando suspeições sobre a boa fé e a probidade da nação!

Não sabemos o que os regeneradores dirão agora, depois de terem feito sentar o *Dia* no estrado dos juizes, e de lhe terem vestido a toga das severas independencias, pondo-lhe ao lado a vara branca das justiças puras e immaculadas. Naturalmente atiram-no para o banco dos réus. D'aquelle justo de hontem fazem hoje um degredado.

As sentenças do *Dia* deixarão de ser festejadas d'aqui para deante, e deixarão tambem de ter o alto significado de verdade, com que os regeneradores muitas vezes tentavam accusar os progressistas. Mas então passem uma esponja por cima de todas as suas vans declarações, a que teem servido de pretexto suppostas dissidencias e algumas opiniões divergentes. Façam acto de contrieção por tudo isso, por toda essa especulação, e dos seus libellos não ficará mais do que algumas calumnias, algumas intrigas, alguns despeitos e alguma poeira.

A imprensa regeneradora tem rejubilado com as declarações feitas na camara dos deputados pelo sr. ministro da marinha a proposito d'esta questão do caminho de ferro de Lourenço Marques. Cresceu ainda esse jubilo com o artigo das *Novidades*, onde se manifesta uma certa estranheza, por parecerem as palavras do ministro antes cobrirem do que censurarem o acto governativo, pelo qual á companhia de Lourenço Marques ficou cabendo a liberdade das tarifas, por concessão do gabinete regenerador.

Se as *Novidades* tomaram a declaração do ministro, como um assentimento á concessão regeneradora, era naturalissimo que d'essa convicção resultasse o artigo de sabbado. Derivou tambem, naturalissimamente, d'aquella persuasão o desgosto de alguns deputados da maioria, que tomaram as declarações do ministro, no sentido em que as *Novidades* as tomaram tambem.

A opposição fez uma grande festa a tudo isto. Antecipou-se. Não era caso para tamanho gaudio. O sr. Ressano Garcia não defendeu o sr. Chagas nem o acto da situação regeneradora. Affirmou apenas que o actual governo não podia deixar de attribuir á companhia de Lourenço Marques a liberdade de fixar as tarifas do seu caminho de ferro. Era uma concessão regeneradora já feita, já concluida e tambem já sem remedio. Podem mudar as pessoas, mas os goaernos continuam sempre. Remedeiam o que podem remediar, mas teem de cumprir o que já não tem remedio. Ora a concessão é um facto consumado. As palavras do sr. Ressano Garcia não exprimem outra cousa.

Poderiam ellas ter sido mais severas, confessando a obrigação de acceitar o acto, mas exprobrando-o como elle merece. Poderiam certamente. D'ahi, porém, a justificarem-se motivos para festas vae uma enorme distancia.

O que o sr. ministro da marinha disse foi que o governo não pode deixar de julgar-se obrigado a dar ao contracto de 1883 a mesma interpretação, que lhe deu o ministro, que o assignou, visto que essa interpretação se traduziu depois em documentos authenticos e legaes, que obrigam o estado para com o concessionario. Foi sem duvida desgraçado para o paiz esse procedimento do gabinete regenerador. Comtudo não tem remedio. Hade cumprir-se aquelle mau fado. O sr. Ressano Garcia confessou essa obrigação. Queriam outros que elle a confessasse, censurando com justa indignação o acto, de que ella resulta. E' uma questão de forma, assim como a tal supposta dissidencia se reduz, tambem por isso mesmo, a uma simples questão de forma.

Esta foi a questão de occasião. O importante não é, porém, isso. Não é ser brusca ou ser generosa a declaração do ministro. O importante, o grave, o sério e o deploravel, é estar feito o contracto. E' não se poder salvar o paiz do mal, que lhe fizeram os regeneradores, entregando ao concessionario do caminho de ferro de Lourenço Marques a liberdade das tarifas. Era, porém, justamente o que se lhe não podia conceder. Tudo menos isso. Uma tal concessão frauda os beneficios promettidos a Lourenço Marques, e inutilisa a melhor bemfeitoria d'aquella possessão.

Vae já tão extenso este artigo que nos não podemos hoje alongar mais sobre um assumpto, que voltaremos a tratar mais minuciosamente, por causa da sua importancia na nossa economia colonial e pelo seu alcance sob o ponto de vista da moralidade politica.

CARTA DE LISBOA

3 DE MAIO DE 1889.

(D'outro correspondente.)

O sr. Consigliere voltou hontem á carga sobre as questões d'Aveiro. Teima em chamar criminoso ao governador substituto d'esse districto, quando os tribunaes mandaram trancar o processo instaurado por a communicação de falsos denunciantes. Este homem, o Consigliere, é impagavel. Não estuda as questões e faz de mana, porque o empurram. E já lhe disseram que passaria a occupar a berlinda, se não fosse mais correcto no seu procedimento como jornalista e mesmo como deputado.

Na verdade transplantar para o parlamento questões já extinctas, não revela grande tacto, salvo se por falta de assumpto precisa não se fazer esquecer, visto que vêm breve as eleições geraes de deputados.

Respondeu ao sr. Consigliere e muito convenientemente o nobre presidente do conselho. Bem sabe s. ex.ª d'onde parte o tiro, e o que se pretende ter em vista com a guerra acintosa que ahi se está fazendo a tudo e a todos.

— Tambem o sr. Arroio uzou da palavra antes da ordem do dia, para interpellar o governo ácerca da *grève* dos homens dos vinhos, que suspenderam o trabalho dos armazães e fecharam os estabelecimentos, como protesto contra a companhia criada por o contracto de 15 de março.

O sr. Arroio pretendia tudo e muito mais, dando áquella manifestação uma latitude que ella não tem, e um alcance que nunca pode vir a ter. Fallou em crise do trabalho, crise negociada pelos patrões, que estão subsidiando os operarios para representarem aquella comedia. Agrediu o governador civil do Porto, não lhe perdoando a energia que tem desenvolvido para que não seja alterada a ordem publica.

Respondeu-lhe e muito bem o sr. presidente do conselho, declarando á camara que estão assegurados os meios para que aos empregados desoccupados nunca falte trabalho, e que até agora apenas **6** se teem apresentado na administração de Villa Nova de Gaya. E que ainda na presente sessão o governo trará á camara uma proposta de lei, que concilie os interesses do commercio com os da agricultura.

Já se vê que a questão do Porto é meramente de especulação politica, para produzir effeito no publico de Lisboa, porque na provincia todos sabem, que a questão magna, a questão importante para aquella praça, é a dos bancos, a que se acha vinculada a sorte de milhares de familias.

Os matulas de Villa Nova são em regra pequenos proprietarios d'aquella circumscripção e da da Feira. Amanham as suas courellas, e vão depois, ás segundas-feiras para Villa Nova trabalhar nos armazães, para regressarem a suas casas aos sabbados, quasi sempre no penultimo comboio. Assim o procedimento dos commerciantes, já se vê dos que fizeram a *grève*, é agitar na superficie, para verem se obteem a annullação do contracto, criando difficuldades ao governo, e supondo que com a substituição dos ministros, poderão destruir ou desfazer os factos consumados.

Mas não pensam na enorme crise com que lucta actualmente a agricultura, em que as adegas estão ainda pejadas dos productos da ultima colheita, sacrificando tudo ao seu feroz egoismo. Mas por amor ás suas conveniencias, antes da *grève* expediram para o estrangeiro os vinhos que tinham com esse destino. Primeiro nós, disseram elles. E assim se vão *abotoando* na fraze hoje legendaria do sr. Pequito.

Tudo curioso, parecendo o partido regenerador que capricha em se comprometter cada vez mais com a grande maioria do paiz.

— Estranham vv. ahi, que uns sujeitos mal educados e de ruim indole injuriem e calumniem quem os assombra. Pois não teem tanta rasão como imaginam. Por cá dão-se os mesmos phenomenos, que o deixam de ser pela frequencia com que se repetem.

Ha por aqui uns jornalecos da mesma bitola, não obstante Lisboa ser uma grande terra se a comparar-mos com Aveiro. Por exemplo, e tambem por excepção citarei o *Espectro*, redigido em calão egual ao das folhas de papel pardo que ahi se publicam.

Ha dias li eu alli, com a epigraphe —*A negociata Mozer*—uma catilinaria contra este banqueiro, por ter comprado uma casa e quinta na travessa das Vaccas, á Avenida, exagerando o valor da compra. Diz-se alli que a venda se effectuara por 40 contos, que na escriptura figuravam 92 contos e pico, e que a camara municipal vae expropriar aquelle terreno por cento e tantos contos, ganhando o sr. Mozer mais de 50 contos!... Ora o predio era de uma sr.ª Calheiros, fidalga d'Oys do Bairro, d'esse districto, e quem lhe tratou da questão foi o illustre jurisconsulto o sr. dr. Alexandre de Seabra. A camara offerecia apenas 40 contos. A dona pedia o taiplo. E vae o sr. Mozer comprou casa e quinta por 92:300$000 reis. Esta é a verdade, que muita gente sabe.

Pois o tal jornaleco não teve pejo de mentir, insinuando que houve grossa negociata e que o presidente da camara estava feito com aquelle capitalista!...

— Mas ha mais. No quarto bairro a commissão recenseadora considerou eleitores 81 individuos, que o juiz de direito em recurso mandou eliminar. A isto o mesmo jornaleco accrescenta:

«Chegámos a um tempo em que é preciso funccionar junto de cada commissão de recenseamento um tribunal para fiscalisar e reprimir as infamias d'esse canalha, que julga estar em plena costa d'Africa.»

Alem do desbragado da fraze ha a ignorancia supina das leis. O recurso das decisões das commissões recenseadoras é materia corrente ha muitos annos. E' uma garantia para o cidadão, que pode instruir o seu requerimento com novos documentos, esclarecendo o que parecer obscuro ou não estiver bem assente nas commissões. Por tanto deferimento ou indeferimento, estas nada soffrem com os despachos do poder judicial. E para isso é que elle interveiu na contenda, julgando-a pela prova dos autos.

— Ainda mais: o tal jornaleco assalariado para descompor o governo e para fazer propaganda republicana, sem escrupulos de consciencia, diz que andando no Brazil a febre amarella a fazer victimas, devia-se prohibir a emigração, e que se isso se não fez «é para que se não perca a amizade dos negociadores da escravatura branca.»

Veja-se que democratas estes! Querem que se prohiba a emigração, o que nenhum paiz ainda fez, nem a propria Allemanha, onde a emigração tem sido espantosa n'estes ultimos tempos! Uns ratões, estes sujeitos, que deviam ir para a casa dos orates, já que estão derrancando o paladar do povo com venenos d'aquella casta.

— O que ha dias se passou no paço da Ajuda prova mais uma vez quanto o sr. D. Luiz é um Rei democrata. Na apresentação de cumprimentos, no dia 29, deu-se alli o seguinte facto: Como se sabe, o beija-mão foi abolido por el-rei D. Pedro V, e nas recepções só se oscula a mão da Rainha e da Princeza. Fóra dos actos officiaes, como mera cortezia e respeito particular, é que muitos da côrte praticam este acto de reverencia para com o chefe do estado. No dia 29, outhorga da Carta Constitucional, a primeira corporação que, como de costume, se dirigiu a El-Rei foi a camara dos pares, cujo presidente beijou a mão do monarcha, seguindo-se em egual cumprimento os outros pares. Depois foram os deputados que apenas se curvaram, bem como a camara municipal. Em quarto logar appareceu a camara ecclesiastica, e o deão da Sé, que ia na frente, feitas as tres cortezias do estylo, subiu os degraus do throno e tentou beijar a mão do soberano. Então o sr. D. Luiz retirou com instancia a mão direita e ouviu-se-lhe murmurar: «Não, não!» Este acto prova bem os sentimentos democraticos de Sua Magestade, sentimentos que o paiz todo conhece.

— O concurso realisado ante-hontem no ministerio das obras publicas para a arrematação da empreitada geral de estradas no districto de Beja, compareceram 9 concorrentes. A base da licitação era de 139:000$000 reis e a menor offerta foi apresentada pelo sr. Jeronymo José de Abreu, que se comprometteu a executar as obras em questão pela quantia de 120:800$000 reis, fazendo assim um abatimento de 18:200$000 reis.

— Os novos horarios das linhas de norte e leste começam a vigorar no dia 20 do corrente. O comboyo mixto n.º 1 parte de Lisboa ás 8 da manhã e chega ao Porto ás 9 e 10—menos 35 minutos que actualmente.

O mixto n.º 2 parte do Porto ás 8 46 da manhã e chega a Lisboa ás 9 da noite.

O *rapido* partirá de Lisboa ás 3 e meia da tarde e chega ao Porto ás 11 e meia da noite.

O descendente parte do Porto ás 4 e meia e chega a Lisboa á meia-noite e trinta.

Os correios entre Lisboa e Porto não tem alteração.

Entre Porto e Ovar ha dois comboyos, e um de Aveiro, partindo ás 7,30 da manhã, 12,30 e 6 da tarde.

Os demais comboyos, são como actualmente.

Todos os comboyos da linha do norte tem correspondencia em Alfarellos com os da linha da Figueira, devendo no dia 20 ser aberto á exploração o novo ramal entre aquelles dois pontos. E' o que se acha estabelecido.

Z.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—A ex.ma sr.ª D. Magdalena Podestal, digna esposa do sr. Bento da França, illustrado tenente do 10 de cavallaria, *deu ha dias á luz, com toda a felicidade*, uma galante menina. Aos felizes paes o nosso cordeal parabem.

Exame.—Fel-o d'admissão ao lyceu no dia 29, José Maria de Vilhena e Magalhães, joven e intelligente filho do nosso presado collega, dr. Barbosa de Magalhães, ficando plenamente approvado. Os nossos parabens.

O homem das botas!—D. Franchinote, com barbas de judeu da Senhora das Dores, arvorado em Ferrabraz d'Alexandria, arrota de valentias, fallando em... bicos de botas. Mas ás ameaças directas e visiveis d'um valente correligionario nosso, no largo de José Estevam, voltou a cara e metteu o rabo entre as pernas, escapulindo-se ligeiro. Temos, pois, entradas de leão, mas paradas de sendeiro!

Que pedante nos saiu este miseravel pultrão!

A porca do parafuso.—Gago-pasquim, o ervilha torta, chama aos outros aquillo que só elle é, n'este ultimo souza maia de quinta-feira, *pinchando d'alto* e *atascando-se* sem corresponder á *puchada do parceiro*. O infeliz esqueceu aquelle triste caso de Ancora, onde o proprio rapazio o apupou por mostrar ser exactamente o que aos outros chama n'aquella sua querida e repetida phrase bombastica—*irresponsavel perante os homens de bem*. E d'ahi, o rapazio de cá, que já correu a *cebolas* antonio, o casação, promette correr franchinote a *ca....ca....lhau*, dando-lhe o novo e itheto de parafuso *torto*, visto que a um amigo nosso, bem direito e bem desempenado, parafuso chamou tambem. E, como franchinote que, talcalmente Lucrecia por torto a corôa alcança, fica sendo parafuso torto; a respectiva *porca* é souza maia, embora tenha já gastas as caprichosas *sarrilhas*, e pouco limpas as graciosas *roscas*.

Franchinotices.—Franciscuinho, o gago, faz luxo na bella camaradagem de Souza Maia, o genebra, e, todo ancho de si, espinoteia a grammatica, morde a consciencia—porque deve, ao menos, ter a consciencia do que vale—e diz á boa educação: *longe do bico da minha bota!* como se a boa educação não soubesse evitar contactos que maculam, ou mesmo, em caso extremo, não enxotasse a pingalim os arrieiros de praça. Na verdade aquella bota deve ser de temer, pois que certamente andará pouco limpa como a lingua do patrão, e, quando menos, o pingalim não nos sairia cheiroso...

Bem feito.—Dissemos ao *Seculo* que a canalha que defendia ainda ha pouco, em breve lhe morderia a mão e novamente lhe picaria a ferida, que ainda então sangrava. O *Seculo*, porém, pareceu mostrar gala na propria miseria e continuou com elles na propaganda infame da calumnia, na crusada aviltante da diffamação.

Supporte-os agora, e com elles os apupos dos collegas que riem, e as affrontas do mano que os ajuda e os apoia. Este mano merece-lhe um doce, mas um doce egual ao que lhe deu aqui uma vez, nos Balcões, quando jayme, seguro d'aquelles pés monumentaes, lia, sorrindo traiçoeiramente, o que se havia escripto e collado na parede contra seu irmão. Recorda-se o *Seculo?* Pois lembre a S. Consigliere que os seus dedicados amigalhotes de hoje hão de fazer-lhe o mesmo e que será ainda o mano quem apoie a canalha e assalarie os garotos para a apupada. Jayme gosta d'isto, e, francamente, é o papel que mais lhe está a caracter.

Os caloteiros.—A acreditada firma da diffamação Gago, Sujo & Companhia anda ahi sempre a mimosear-n'os com o galante epitheto de caloteiros, como se na choldra da colligação houvessem só Rotchilds, que não devessem nada a ninguem. Ora a historia diz-nos, que tiveram dividas e *graúdas*—José Estevam, Mendes Leite, A. Pinheiro e Norberto, e que as teem tambem quasi todos os magnates, que nos calumniam e insultam, e que são do dominio publico; mas que nós não queremos especificar. Se não quereis ouvir estas duras verdades, não as provoqueis...

Chiadeira!—O espaventoso redactor *em chefe*, que se diz successor d'A. Pinheiro, talvez nos defeitos, que não nos merecimentos litterarios, metteu-se em cavalarias altas, discutindo questões de direito, a proposito do processo do nunca assaz fallado surdo-mudo, Chia. Olha, Franciscote das Lerias, não te metas com a justiça, que ella póde tirar-te contas... Entendes?...

Doido.—O infeliz Ivo, que os especuladores politicos da localidade já andavam a explorar em proveito da sua politica miseravel, está na cadeia, onde tem commettido muitos desatinos. Será bom, que a auctoridade administrativa lhe dê o conveniente destino, mandando-o para Rilhafolles.

Melhoramento.—Já foram intimados os moradores da Costeira a despejarem as suas casas, para se proceder em breve ao corte das mesmas, para alargamento da rua, melhoramento ha muito reclamado pelas necessidades do transito.

Outro.—Tambem vão principiar dentro em breve as obras do encanamento do Cojo, para o que já estão a chegar os materiaes.

Para a obra da ponte já vieram algumas vigas de ferro, e os trabalhos devem começar em curto praso.

Obras municipaes.—A nossa vereação, com a solicitude que a caracterisa, apezar dos seus poucos recursos, mandou calcetar de novo a rua de S. Sebastião, a travessa da rua de José Estevam, que dá para o Cojo, e calçar a rua de Fontes Pereira de Mello, o que estava muito damnificada.

Reparos parochiaes.—A junta de parochia da freguezia da Vera-Cruz anda a reparar condignamente a capella de S. João, ao Rocio, collocando alli dois bellos altares da egreja do extincto convento de Sá, e tambem vae arranjar a capella da Senhora d'Alegria. Louvores, pois, á digna junta, e ao seu disvelado presidente, o nosso amigo revd.º Manuel Ferreira Pinto de Souza, que se não poupa a esforços no cumprimento dos seus deveres parochiaes.

Estação das Quintãs—Começou a funccionar desde 1 do corrente mez, esta estação, sita na freguezia da Oliveirinha, d'este concelho, para todo o serviço de grande e pequena velocidade e applicando-se as tarifas em vigor segundo as distancias kilometricas effectivas.

Novenas.—Começaram hontem de tarde no formoso templo de Jesus as piedosas novenas a Santa Joanna Princeza, com regular concorrencia.

Festejos em Arouca.—Festejou-se em Arouca no seu dia proprio o dia de Santa Mafalda, que é a festividade mais imponente que alli se celebra, e á qual concorrem milhares de pessoas de diferentes pontos do districto e de fóra d'elle. A festividade d'este anno não ficou a dever nada ás dos annos anteriores, e isto porque os sentimentos religiosos não afrouxam na sociedade christã.

Audiencias geraes.—Como dissémos, foram abertas já n'esta comarca, sob a presidencia do integerrimo juiz, o sr. dr. Alexandre Cortezão, e representando o ministerio publico o digno agente do M. P., o sr. dr. Alberto Leitão, sendo as causas a julgar as seguintes:

1 de maio—José Marques e outros, da Palhaça, por ferimentos; defensor dr. Fonseca. Foi addiada, por falta de testemunhas.

3 de maio—João Alves Ferreira, o *Casadinho*, por roubo; defensor dr. Rocha.

4 de maio—Fernando Francisco Bichão, da Gafanha, por offensas á religião; defensor dr. Rocha.

7 de maio—Manuel Antonio Ferreira, de Ilhavo, por abuso de funcções; defensor dr. Fonseca.

8 de maio—Manuel Marques de Moura Junior, de Sarrasola, por homicidio voluntario; defensores dr. Barbosa de Magalhães e dr. Rocha.

11 de maio—João Maria e Maria José, os *Malucos*, da Gafanha, por furto; defensor dr. Rocha.

14 de maio—Julio José de Sousa, d'Aveiro, por abuso d'auctoridade; defensores dr. Barbosa de Magalhães e dr. Amorim.

17 de maio—João Pedro Ferreira da Silva, d'Eixo, por offensas corporaes; defensor dr. Fonseca.

18 de maio—João dos Santos Ramalho, de Rio Tinto, por offensas corporaes; defensor dr. Rocha.

22 de maio—João Lopes das Neves, da Oliveirinha, por homicidio frustado; defensores dr. Rocha e dr. Barbosa de Magalhães.

24 de maio—João Ferreira da Fonseca, d'Aveiro, por furto; defensor dr. Rocha.

25 de maio—Maria de Oliveira Moraes, e outros, por exposição de um recem-nascido; defensor dr. Rocha.

28 de maio—José Simões Birrento Roque, da Povoa de Vallade, por fogo posto; defensor dr. Fonseca.

Curiosidades.—Aos leitores que resolverem visitar Pariz nos proximos dias de exposição, recordamos que os *Grands Magasins du Printemps*, no bd. Haussmann, são uma das maiores curiosidades parisienses, principalmente a sua monumental sala de machinas, installação unica no mundo.

Tempo.—Voltou a chuva, e está impertinente, soprando o vento do quadrante do sul.

Arrozaes.—Já vae muito adiantada a sementeira dos arrozaes *n'este concelho*.

Serviços marnotaes.—Procede-se já ao ensecamento, limpeza e outros trabalhos preparatorios, nas salinas da nossa ria. O tempo é que não tem corrido favoravel para esta ordem de serviços.

Noticias da Barra.—Em 3.—Passou hontem para o sul, proximo á barra, um vapor rebocando um hiate de tres mastros.

— Mar bom de manhã e de tarde agitado.

— Roubaram esta noite aqui, as redes ao popular José Saltão, natural de Ilhavo. Causava pena vêr o pobre homem a desgraciar-se; deixaram-lhe a bateira despida, e ainda mais desamarrada, pois que a foi encontrar em cima d'uma cabeça d'areia; se a agua descesse quando lhe fizeram o roubo teria ido tambem a bateira pela barra fóra. O pobre homem ficou sem ter com que ganhar pão e bem assim os quatro tripulantes que trazia a quem dava 1|4 1|2 parte ou 3|4 dos proventos que ganhavam conforme cada um merecia.

— Sahiu para Cezimbra, com sal, o cahique *Rozaria Maria*.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *A Formosa Conspiradora*, romance illustrado com bellos chromos e gravuras, de Pierre Zaccone; fasciculo n.º 6.

— *Album de Costumes Portuguezes*, o *lavrador com palhoça*, texto de Ramalho Ortigão e desenho de M. Macedo; fasciculo n.º 24.

— *O Inferno*, de Dante, com illustração de Gustavo Doré, fasciculos 35 e 36; C. N. Editora, Lisboa.

— *Olivier de Serres*, das Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos, n.º 23; C. N. Editora, Lisboa.

— *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna*, 2.º volume da Dama das Camelias, por Dumas Filho.

— *Jack, o Estirpador*, romance da actualidade, illustrado com gravuras, de James Middleton, fasciculos 3 e 4.

— *O Rei dos Grilhetas*, de Ernesto Cagudu, romance illustrado pelo processo Gillot; fasciculo n.º 16.

— *Comedia Portugueza*.—Está publicado o n.º 30 d'este semanario de critica humoristica, que se publica na capital, com illustrações de Julião Machado e prosa dos srs. dr. Marcellino Mesquita e Silva Lisboa.

Summario d'este numero:—Fantoches (1.ª pagina)—Congressos e congressistas (paginas do meio)—Cancans—A *soirée* do ministro da justiça (com entrada só para homens)—A politica—*Stella... refugium... salus* (pagina final)—Sueltos e illustrações.

Requisições a Silva Lisboa, redactor-gerente da *Comedia Portugueza*, rua Ivens, 41, Lisboa.

— *A Moda Illustrada*. Está em distribuição o n.º 248 correspondente a 15 de abril. Os figurinos e differentes modêlos das ultimas novidades parisienses são de apuradissimo gôsto e elegancia. O texto consta de varios artigos, cuja redacção é como de costume, sobre maneira esmerada.

Como é sabido cada numero da *Moda Illustrada* consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, pelo preço de 200 réis avulso.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *A Illustração*.—A proximidade do dia em que tem de se realisar a abertura da Exposição em Paris, é um facto de maximo interesse para a humanidade inteira, e thema para enriquecer e tornar variadissimos os assumptos, pois, *A Illustração* traz em o n.º 8 bellissimas gravuras allusivas áquelle caso e excellentes artigos firmados por alguns dos nossos conspicuos escriptores, noticias, informações varias, tudo redigido por fórma a despertar o interesse dos seus leitores.

A Illustração contém 16 paginas nitidamente impressas em optimo papel, e custa avulso 100 reis cada numero. Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *A Estação*, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º 1 de maio.

Summario: Correio da moda.—Costume com saia em prégas—Costume com corpo-casaca—Renda a bilros, para coberta, cortinas, etc.—Vestido para saráo com corpo em ponta decotado—Bordado leve para tapete—Bordado a ponto de marca para cadeira—Traje com mangas em tiras—Cadeira de banhos com bordado—Vestido paletot para menina—Almofada, imitação de bordado de Smyrna—Bordado a froco de lã para almofada—Chapeu redondo de tulle—Traje com mangas—Paletot com romeira para creança—Vestido-paletot para menina—Mantelete ajustado com mangas—Costume com corpo curto—Costume com corpo enfeitado de rebuços—Chapeu redondo de palha de arroz—Chapeu de tulle com aba voltada—Capota enfeitada de laços de fitas—Capa comprida com duplas mangas—Capa para senhora idosa—Costume com faixa—Jaqueta com frentes direitas abertas em rebuços—Porta-trabalho de costura com bordado a côr—Vestido enfeitado de cordão—Vestido com tunica princeza—Capota de renda—Vestido de fazenda pregueado para menina—Vestido-blusa Jersey para menina—Vestido com blusa para menina—Costume com pregas, etc., etc.

Com dois figurinos coloridos representando chapeus de diversos modelos para senhora, e vestido de pellucia riscada.

Transcripção.—Transcrevemos do *Commercio do Porto* a sua carta de Pariz de 25 d'abril por a julgarmos interessante:

«Abriu na semana passada, na sala dos Estados, do Louvre, a exposição historica da Revolução Franceza, organisada por uma sociedade, de que é presidente o sr. Carnot. Esta exposição, como o seu titulo perfeitamente explica, encerra grande numero de documentos e objectos, todos concernentes a avivar as recordações da epocha revolucionaria, que se póde dizer começou em 5 de maio de 1789, prolongando-se essas recordações até 1804, em que foi creado o imperio. Assim, vêem-se alli, além de muitos retratos a oleo, em gravura ou lithographados, bem como em marmore ou gesso, dos principaes personagens que mais se fizeram notar durante essa commoção politica, os de Luiz XVI, de Maria Antonieta e de sua familia e os de Napoleão Bonaparte em diversas idades, etc. Seguem-se as estampas representando diversos acontecimentos revolucionarios e alguns sitios do antigo Pariz, as caricaturas, os *costumes*, grande porção de authographos, cartazes, proclamações, jornaes e outras publicações da epocha, armas, bandeiras, faianças patrioticas, moveis, utensilios de toda a natureza, medalhas e insignias e outras lembranças conservadas pelas familias dos personagens. Todos estes objectos foram cedidos por colleccionadores particulares para esta curiosa exhibição. Entre os authographos, ha-os de Danton, Robespierre, Marat, Diderot, Voltaire, Rousseau, Mirabeau, Camille Desmoulins, Saint-Just e outros, de varios generaes, taes como Kleber, Desaix, Marceau, Massena, Hoche, Macdonald, Pichegru, etc., de Luiz XI e de sua esposa, de Napoleão Bonaparte, ordens de prisão, ordens do dia do exercito, emfim todos os documentos que pódem esclarecer as diversas phases da revolução de 1789. Patenteiam-se alli igualmente a escada de corda com que Latude realisou a sua perigosissima fuga da Bastilha, a espada e outros objectos que pertenceram ao avô do actual presidente da republica, uma camisa e uma navalha de Luiz XVI, e outras curiosidades não menos interessantes. Abundam, além d'isso, as faianças patrioticas, as medalhas e distinctivos dos funccionarios publicos e dos membros dos diversos clubs, o papel-moeda, e as espadas de diversos heroes, entre ellas a do general Alexandre Dumas, avô do illustre homem de letras do mesmo nome. Como se vê, a exposição é curiosissima e passam-se n'ella duas horas bem proveitosas.

— Segundo o caderno de encargos da empreza da torre Eiffel, o concessionario é obrigado a elevar 2:356 pessoas por hora á primeira plataforma, e 750 por hora, ao cimo. A tarifa das ascensões é fixada em 2 francos para o primeiro andar, em 3 francos para o segundo e em 5 francos para o ultimo. Os preços aos domingos serão menores, isto é, 1 franco até á primeira plataforma, 1 franco e 50 centimos até á segunda e 2 francos até ao cimo, devendo esta tarifa vigorar apenas das 11 horas da manhã ás 6 da tarde. Até á primeira plataforma poder-se-ha subir pela escada, se o visitante assim o desejar, mas desde esse ponto o ascensor será obrigatorio para os que quizerem ir até ao alto. Dez mil visitantes poderão achar-se simultaneamente na torre, quer nas diversas plataformas, quer nas escadas e nos ascensores, sem que isso cause confusão.

— São nada menos de 69 os congressos internacionaes que se realisarão no Campo de Marte, durante o decurso da exposição, As datas de todos elles já se acham fixadas, devendo começar em 12 de junho e terminar em outubro.

— Chegaram a Pariz 30 soldados da America do Norte, do 30.º regimento de infanteria da marinha, sob o commando de um official superior e de dous subalternos, os quaes residirão na secção americana da exposição. Esperam-se tambem soldados mexicanos. Tambem chegaram 60 pessoas de Tunis, comprehendendo 11 expositores, os quaes devem occupar a secção tunezina, estabelecendo bazares, cafés, concertos e outras diversões.

— A secção de bellas-artes deve estar concluida no dia da abertura da exposição, tal é a actividade que n'ella se desenvolve. Os jurys da secção decenal de bellas-artes já terminaram os seus trabalhos, tendo admittido 3:518 obras, das quaes 1:589 pinturas, 315 desenhos, aguarellas, pasteis, etc., 446 gravuras e lithographias, 602 esculpturas e gravuras em medalhas e 566 quadros de architectura e de modêlos de decorações monumentaes. A exposição retrospectiva ficará installada sob a cupula do palacio. As secções estrangeiras occuparão vinte salas. Os artistas allemães, que ao principio se tinham abstido, téem ultimamente enviado uma quantidade tão consideravel de obras, que teve de se lhes destinar uma sala especial. A prohibição de entrada na secção de bellas-artes é tão rigorosa, que ha dias um policia não deixou penetrar o proprio ministro na instrucção publica, apesar d'este ter declarado a sua qualidade. O ministro, o sr. Constans, louvou o procedimento do policia e mandou dar-lhe uma gratificação de 25 francos.

— O director geral das alfandegas acaba de expedir uma circular aos directores do serviço, exprimindo-lhes que, em consequencia dos numerosos estrangeiros que vão entrar em França para visitar a exposição, os empregados devem, mais do que nunca, mostrar-se cortezes e attenciosos para com os viajantes, esperando que nenhuma queixa justificada se produzirá contra os agentes encarregados da visita das bagagens.

— Começaram os preparativos para os festejos no dia 6 de maio. Na ponte de Alma estão já collocados 30 mastros pintados de vermelho para as bandeiras, e identica collocação se faz na ponte dos Invalidos, devendo proseguir em todas as outras pontes de Pariz, desde a ilha de S. Luiz até á ilha dos Cysnes.

— Os forasteiros começam a affluir á formosa capital da França. Nos *boulevards* nota-se já maior movimento, destacando-se entre a multidão os inglezes, que dão logo na vista pelo seu typo e pelos seus trajes.

— Agora, para concluir esta carta, vou dar-lhes alguns pormenores curiosos sobre as diversas exposições que se téem realisado em Pariz, a primeira das quaes data de 1879.

N'esse anno, durante uma das festas do Directorio, concebeu-se a ideia de convidar os commerciantes e fabricantes a fazerem uma exposição do que possuissem de mais notavel. Era então ministro do interior Francisco de Neufchâteau, um homem activo e intelligente, e a exposição realisou-se no Campo de Marte, nas ultimas semanas do anno VI. Os expositores eram apenas em numero de 110, dos quaes 23 foram recompensados, durando a exhibição 13 dias. Tres annos depois, 32 departamentos fizeram-se representar com os seus productos em uma segunda exposição, á qual concorreram 220 francezes. No anno seguinte o numero de departamentos expositores elevou-se a 73 e o dos industriaes que levaram os seus productos á sala do Louvre a 540. Em 1806 o Imperio organisou uma exposição na Esplanada dos Invalidos na qual se reuniram 1:422 concorrentes vindos de todos os pontos do territorio. Por causa das guerras europeias só depois, em 1819, se installou uma nova exposição no pateo do Louvre, concorrendo 1:642 industriaes. Estes numeros augmentaram a 1:662 em 1823, a 1:695 em 1827 e a 2:247 em 1834. De 1839 a 1848 realisaram-se 3 exposições nos Campos Elyseos, crescendo sempre o numero de expositores. Depois da revolução de fevereiro, o governo francez decidiu dar ás exposições um brilho mais intenso e d'este modo foram convidadas a tomar parte n'ellas a agricultura, a Algeria e as colonias. Finalmente, em 1849, ao lado dos grandes productores, admittiu-se a concorrer, pela primeira vez, o operario habil, sendo concedida mais de uma medalha a simples artifices sem notoriedade e sem capitaes.

Em 1855 foram admittidos á exposição os productores estrangeiros, e assim viu-se representada n'ella toda a Europa occidental. Os expositores foram 10,000, e doze annos depois, esse numero elevou-se a 20:000. Foi em 22 de junho de 1863 que o imperador promulgou o decreto relativo á exposição que devia abrir-se em 1867. Nomeou-se uma commissão de 41 membros encarregada de dirigir os trabalhos do certamen e ao mesmo tempo reuniu-se um capital de oito milhões de francos fornecidos por uma Companhia de subscriptores pertencentes ao alto commercio. O Estado e a cidade de Pariz concorreram tambem com 6 milhões cada um, o que prefez uma totalidade de vinte milhões. A exposição verificou-se no Campo de Marte, occupando uma superficie total de 642:520 metros quadrados, dos quaes 417:520 metros no referido campo e 225:000 na ilha de Billaucourt. A França, só por si, occupava um espaço de 63:640 metros, onde se agrupavam 11:645 expositores; a Gran-Bretanha e a Irlanda 21.059 metros para 3:609 industriaes; o reino da Prussia e os Estados da Allemanha do Norte tinham 12:765 metros para 2:206 representantes do alto commercio; a Austria tinha enviado 3:702 expositores; o imperio ottomano, 4:499; a Hespanha, 2:071; e a Italia, 3:992. O exito da exposição de 1867 foi enorme, mas o da de 1878 tornou-se ainda mais consideravel. A exposição de 1889 será a ultima palavra sobre o genero de exhibições? Só o futuro o poderá dizer, mas parece impossivel conseguir-se reunir maior grandiosidade e belleza.

AS AGUAS DE VIDAGO

I

Vai em breve abrir-se ao publico infêrmo o estabelecimento das aguas de Vidago, cuja fama augmenta dia a dia com os novos triunfos clinicos, obtidos com o seu auxilio, e só com elle, sem *réclame* abusivo.

Ainda ha poucos dias o juri da exposição de Lisboa as premiou com a medalha de ouro; ainda não passaram muitos desde que Succi, o celebre jejuador, as considerou superiores ás de Vichy. E não é indifferente a affirmação feita por Succi, dadas as circumstancias especiaes em que ella foi feita.

Se o premio obtido na exposição lisbonense honra sobremaneira as aguas ao mesmo tempo que as apresenta ao publico como um producto natural a que não podia ser concedida maior distincção, porque maior não havia; se o juri da exposição lisbonense, composto de homens de sciencia, que reunem os requisitos indispensaveis ao conhecimento perfeito do valor therapeutico das aguas mineraes, classificou as de Vidago de aguas alcalinas de primeira ordem, a affirmação de Succi tem sobre tudo isso um valor excepcional.

Todos sabem que o celebre Succi se propoz em Lisboa a um jejum de 30 dias, tomando como unico alimento a *agua de Vidago*; todos sabem que esse jejum, rigorosamente observado por uma commissão de medicos da capital, foi levado a fim, e que as forças do jejuador se conservaram quasi inalteraveis, permittindo-lhe até ao ultimo dia violentos exercicios de esgrima.

Foi n'estas circumstancias, verdadeiramente excepcionaes, que Succi fez a affirmação de que as aguas de Vidago eram superiores ás de Vichy, do que dão testemunho os medicos que seguiram minuto a minuto a arrojada experiencia. Outros jejuns fizera lá fóra Succi, e as aguas que escolhia eram as de Vichy.

Em Lisboa fez uso das de Vidago, e pelo estado regular das suas forças, pela melhoria do funccionamento dos seus orgãos, Succi fez repetidas affirmações da superioridade d'estas aguas, com uma incontestavel auctoridade para as fazer.

Ao mesmo tempo que a experiencia de Succi vinha confirmar o que tantas vezes se tem verificado em milhares de casos clinicos, vem ella fornecer um novo argumento contra os que attribuem ás aguas alcalinas uma acção discrasica, offensiva do vigor organico.

Trousseau atirou para o mundo clinico a sua opinião de que os alcalinos têm sobre o sangue uma acção discrasica e de que podem conduzir a uma degradação organica, baptisada por elle com a nomeada aterradora de caquexia alcalina. Mil vezes tem sido combatida esta errada affirmação.

A experiencia, scientificamente conduzida, tem mostrado quanto de leviana teve a doutrina de Trousseau, e não faltou quem, como Pupier, avançasse que os alcalinos, ainda na mais alta dose, augmentam o numero dos globulos rubros do sangue, facto diametralmente opposto ao que se dá nas caquexias.

Não obstante ter cahido ha muito a errada doutrina de Trousseau, não obstante ninguem, que tenha o criterio scientifico especial, levar a serio tão erronea como absurda doutrina, é certo que ainda ha quem, clandestinamente, lance mão d'ella para levar o descredito ás aguas ricamente alcalinas.

A experiencia do Succi, dá mais um profundo golpe em tal doutrina, mais commercial do que verdadeira.

Succi tomou em cada um dos trinta dias do seu jejum 300 grammas de agua de Vidago, e, sem que fizesse uso de outro alimento, elle conservou sempre o vigor das suas forças.

Na hora immediata áquella em que terminou o jejum, elle fazia uma refeição frugal, e nos primeiros dias que se lhe seguiram tudo mostrava que a perfeição organica não havia sido perturbada.

Imagine-se o que aconteceria a Succi, se a acção alterante das aguas alcanicas não fosse estupendo *canard*.

Sem a alimentação necessaria á reparação dos orgãos, prejuizo aggravado com a imaginaria acção alterante das aguas alcalinas, de cada jejum resultaria uma caquexia, se Succi não houvesse morrido da primeira.

Eis, em resummo, a grandissima importancia que, para as aguas de Vidago, teve a ultima experiencia do celebre jejuador.

Voltemos á distincção com que o juri da exposição de Lisboa honrou as aguas de Vidago.

A *medalha de oiro* significa que o juri considerou as aguas de *primeira qualidade*.

Avaliemos esta expressão.

Houve tempo, e não vai muito longe, em que se dava exclusiva importancia ao bicabornato de sodio das aguas alcalinas, pondo de parte, por ser desco hecida a sua acção e por serem imperfeitos os processos da analise, outros mineralisadores a que hoje se concede um papel distinctissimo entre os agentes terapeuticos.

Um d'estes é o bicarbonato de litio—a litina, segundo a expressão popular—do mais alto valor para o tratamento das doenças artriticas, denominação sintetica dada por Bazin a todas as manifestações morbidas em que um excesso de acido urico domina.

As applicações terapeuticas das aguas alcalinas seriam muito reduzidas, se o bicarbonato de litio as não estendesse ao tratamento do artritismo (gotta, litiace renal vermelha, etc.)

E' hoje tal sal alcalino considerado como um dos melhores elementos de riqueza das aguas que o contêm, como é considerada agua de muito inferior qualidade aquella em que elle não existe.

O premio concedido pelo juri da exposição de Lisboa á agua de Vidago significa que ella é do primeira qualidade, porque, se é rica em bicarbonato de sodio, não o é menos em bicarbonato de litio.

E' certo que do primeiro relatorio que acampanhou a primeira analise feita á agua de Vidago não consta a existencia do bicarbonato de litio, facto que tem a sua natural explicação na deficiencia dos processos analisadores e na quasi nulla importancia que n'essa occasião se dava a tal sal.

Nós mesmo, que desconheciamos as analises subsequentes que foram feitas ás aguas de Vidago, fazendo obra pelo primeiro relatorio, chegamos a duvidar de que n'ellas existisse o litio.

Errámos, e d'isso nos penitenciamos. A segunda analyse feita á agua de Vidago pelo illustre professor sr. Agostinho Vicente Lourenço, mostrou que n'ella o bicarbonato de litio existe n'uma dose superior a tres centigrammas por litro de agua, quantidade que se não encontra em nenhuma outra agua da Europa.

A leitura do relatorio que acompanhou esta analise, a nossa propria experimentação quimica e clinica, o facto de o sr. Joaquim dos Santos e Silva, pelas analises a que procedeu ás aguas da fonte Campilho, visinhas das de Vidago, ter n'ellas encontrado o bicarbonato de litio em dose bem apreciavel, trouxeram-nos o convencimento profundo da riquesa litica da agua de Vidago.

Por identico motivo se determinou por certo o juri da exposição de Lisboa para conferir-lhes tão subida distincção.

Villa Real, 23 de abril.

Teixeira de Souza.

ANTONIO JOAQUIM DE FREITAS

E' pesado o lucto que envolve a minha alma e grande ainda a commoção que me opprime. Profunda a angustia que me domina e viva a dôr que me compunge. Quasi não posso escrever; mas vou tentar um esforço para prestar a ultima homenagem ao homem que foi um caracter purissimo e um amigo sem egual.

Antonio Joaquim de Freitas, que já não existe, era um grande homem, porque a grandeza hoje não se avalia pelo dinheiro ou por ostentações apparatosas, simbolos de vaidade, mas avalia-se pela nobreza de caracter, pela fidalguia dos sentimentos, pelo aprimorado da alma e em tudo isto, ninguem, ninguem o excedia e muito poucos o egualavam. Freitas era isempto de defeitos e cheio de virtudes. Era um homem cujo caracter servia de typo áquelles que desejam ser grandes pela elevação dos sentimentos. Nunca, nunca commetteu uma indignidade. Nunca commetteu uma ingratidão. Nunca fez mal a pessoa alguma. Nunca deixou de cumprir brilhantemente os seus deveres. Prompto sempre a esmagar a intriga e a fulminar a calumnia;—prompto sempre a defender o seu amigo e a sacrificar-se por elle;—prompto a promover a paz entre familias e servir toda a gente.

Nasceu e viveu pobre e era em extremo obsequiador. Morreu pobre e trabalhou sempre muito. Deixou a sua familia muito pobre e não ficou a dever cinco reis a pessoa alguma! O seu caracter e a sua vida constituem a gloria de uma familia, um exemplo na sociedade, um pharol que nos orienta.

Era a mais preciosa reliquia que possuia a Angeja.

Temia mais o calumniador que o assassino, porque queria mais á sua dignidade que á propria vida. Homens d'este quilate não se descrevem. E' preciso conhecel-os e estudal-os para os imitar. Urgulho-me por ter sido um dos seus mais intimos amigos e conhecer a sua grande alma, por isso eu sou um dos que se maguou mais com o seu desapparecimento. Amigo d'elle desde a minha primeira infancia, tenho tido tempo de estudar o seu caracter e de admirar a sua bella alma.

Não devia morrer o homem que, se tivesse uns braços de gigante, teria abraçado a todos de encontro ao seu coração.

Ah! amigo: Se as lagrimas, que me tem molhado as faces, te fossem vivificar o sangue e demover o coração amortecido; se esta saudade profunda, se esta magoa e dôr intensas te despertassem a alma, eu sei que tu virias abraçar-me e elle experimentaria o maior prazer d'esta vida. Mas os decretos da Providencia são inabalaveis e eu resignar-me-hei á perda de tão prestante amigo.

Para ver quanto era nobre e puro o pensar d'este homem basta referir aqui as ultimas palavras que proferiu momentos antes da sua morte. Amigo, dizia elle, sei que morro sem me poderem valer. Se ouvir dizer, depois, que fiquei a dever cinco reis a alguem, não acredite. Se ouvir dizer que fui ingrato a quem me fez bem, não acredite. Se ouvir dizer que deixei de cumprir os meus deveres de religião e d'ella descri, não acredite tambem. Estas ideias me consolam e me acompanham á sepultura. Mas a par d'isto, amigo, dizia elle ainda; a par d'isto, um profundo pesar me afflige, é a infeliz sorte de minha mulher e filha, que deixo n'este mundo desamparadas e sem pão!

Que belleza de sentimentos o acompanharam até á morte! Aprendamos todos n'esta eschola, porque synthetisa uma verdadeira eschola de moral o pensar e o proceder d'aquelle homem. As suas qualidades não encontram representação condigna na nossa linguagem. Quem lhe cercou o leito nos seus ultimos dias, como eu, notava que todas as vezes que proferia algumas palavras, essas vinham sempre representando ideas de bem e sentimentos elevados. Via-se que aquelle cerebro anemiado e quasi sem vida, tinha ainda reflexos e irradiações sublimes que retalhavam as fibras do coração! Parece que ao passo que aquelle organismo se consumia, as pertenções da sua bella alma crystallisavam e vibravam mais intensamente. Ainda não vi declinar tão lucido, tão sentimental, assim como não vi expirar tão sereno, uma morte tão santa!

E' por tudo isto que aquelle que hoje pranteamos, era venerado por todos que conheciam o seu bellissimo caracter.

E' por isso que a sua morte impressionou profundamente toda a Angeja, como se ella fosse o theatro de uma calamidade enorme. E' por isso que toda a gente d'esta terra e muita de fóra correu apressada ao seu funeral a prestar a ultima homenagem áquelle que foi tão distincto cavalheiro, cidadão *tão sympathico, amigo tão* dedicado, marido e pae tão exemplar.

Como empregado publico que respondam todos os seus collegas, os seus superiores, e sobre tudo o estado maravilhoso em que tinha a estrada de Aveiro a Angeja e d'aqui ao limite do districto de que elle era chefe de conservação ha trinta e tres annos.

Nunca, nunca o governo teve empregado mais zeloso.

Este homem viveu e morreu pobre, mas possuia a mais alta nobreza de caracter e d'alma. Por isso os seus amigos choram a sua perda, porque choram a perda d'um verdadeiro homem de bem. Homens d'aquelle quilate são verdadeiras excepções.

E' por isso que é profunda emquanto viver a saudade que em mim produziu a perda de tão grande amigo.

Honremos a sua memoria, imitando as suas acções.

Angeja, 29—4—89.

Ricardo Souto.

CARTA DE LISBOA

2 DE MAIO DE 1889.

A noticia da gréve dos commerciantes de vinho do Porto tem produzido em Lisboa, e dizem-me que em toda a parte, um effeito contrario ao que os grevistas supunham. Todos condemnam o acto—todos pedem providencias contra tão irregular procedimento. O *Diario Popular*, escrevendo sobre o assumpto, diz o seguinte:

«A gréve ou é geral ou parcial. Se é parcial, o melhor é não fazer caso até que os grevistas se resolvam a reabrir as suas portas; se é geral, o processo do governo deve ser dar trabalho aos operarios dos armazens até que os grevistas se cansem. N'este ultimo caso, os grevistas, ficando sem trabalhadores perdem todos os elementos de resistencia, e passados poucos dias render-se-hão á discrição. Então, quando venham capitular, deve estabelecer-se-lhes como condição que paguem os direitos de exportação, os quaes, embora estabelecidos por lei, não são pagos. Acceite esta condição, aproveite-se o encerramento dos armazens afim de se fazer um varejo geral aos mesmos, para por mais tempo não perder o thesouro aquillo que lhe é devido. O effeito do varejo torna para futuro impossiveis todas as fraudes. Conviria tambem baixar aos direitos de exportação; assim, a grevo revertoria em beneficio geral dos productores e dos proprios negociantes. O commercio de vinhos do Porto tem illudido sempre o pagamento integral do imposto, sob pretexto de que o varejo impediria o movimento commercial, que ficaria suspenso. Com a greve seria, pois, occasião de fazer o varejo sem aquelle inconveniente; e pago integralmente o imposto poderia a sua taxa ser reduzida com proveito geral.»

Estas medidas podem não agradar aos grevistas, mas serão proveitoso ensinamento.

— Está aberto concurso para provimento de tres canonicatos na sé de Braga, dois na do Porto, e dois na de Vizeu, tendo annexa a obrigação de ensino das disciplinas ecclesiasticas nos respectivos seminarios diocesanos, e sendo, por esta circumstancia, pagos pelo cofre do bulla da cruzada os subsidios que houverem de ser concedidos aos presbyteros apresentados n'aquelles canonicatos, por falta ou insufficiencia de rendimentos das respectivas massas capitulares.

— Disse-lhe ha dias que fôra apprehendida pelo consulado hespanhol, a requisição da justiça de Hespanha, uma secretária pertencente a uma collecção de moveis da rainha D. Isabel II e que estava na casa de *bric-á-brac* dos srs. Oliveira & Costa. Para evitar juizos temerarios expliquemos como as coisas se passaram. O sr. D. Izequiel de Labra, sendo em 1863 negociante em Bilbau, fez um grande fornecimento de bebidas alcoolicas a um individuo que não lhe pagou, mas constando-lhe que aquelle individuo era possuidor d'uma riquissima mobilia que fôra feita para a rainha D. Isabel II, que nunca chegou a entrar em posse d'ella, obteve da justiça que com o producto da venda fosse reembolsado do dinheiro de que era credor. Foi pois o devedor condemnado, em 5 de junho de 1865, e a mobilia foi entregue ao sr. D. Izabel de Labra, que d'ella ficou *fiel depositario*, até que fosse vendida. Em principios de 1885, o sr. D. Izequiel de Labra veio a Lisboa e trouxe comsigo uma secretária pertencente á mobilia, deixando o resto na sua casa de Madrid, e pediu á justiça da sua terra licença para depositar aquelle movel no estabelecimento dos srs. Oliveira & C.ª. A licença foi concedida. Muitas pessoas tiveram ensejo de admirar a magnifica secretária, entre ellas o sr. D. Fernando, e alguem ouve que chegou a offerecer por elle 400 libras. A secretária continuou n'aquelle estabelecimento, pois que o sr. D. Izequiel de Labra permaneceu em Lisboa. Ha dias, a justiça hespanhola, que está de posse do resto da mobilia, pediu a secretária ao consul, que a mandou buscar ao estabelecimento dos srs. Oliveira & Costa, onde logo a entregaram em perfeito estado de conservação. Não ha, portanto, criminalidade alguma da parte do sr. D. Izequiel de Labra nem dos srs. Oliveira e Costa.

— As corridas de cavallos, que se realisaram no dia 28 no hypodromo de Belem, começaram ás 3 horas e acabaram pouco depois das 5. Na 1.ª e 4.ª ganharam o premio a *Syphon*, do sr. D. Antonio de Sequeira. Na 2.ª saiu vencedor o *Wellesley*, do sr. Antonio Laboreiro. A 3.ª foi ganha pelo *Azeitona*, pertencente ao sr. Gagliardi. Na ultima corrida venceu a Reildar. No proximo domingo repete-se este divertimento.

— Ante-hontem, por occasião da chegada do comboyo de leste á estação de Santa Apolonia, foram apprehendidos pelo guarda fiscal José Pereira Saramago, *n.º 224 da 1.ª companhia do batalhão n.º 1*, a Augusto de Figueiredo, que disse ser empregado no commercio e morador na rua do Limoeiro d'esta cidade, 221 relogios, dos quaes 141 são de oiro, 68 de prata e doze de aço, no valor approximado de 2:000$000 reis. Trazia-os occultos nas diversas algibeiras e n'um collete de flanella com feitio especial para este fim.

— São curiosas e instructivas as seguintes cifras que se encontram em um jornal estrangeiro. De todos os paizes europeus, o que tem menos emigrados é a França. Ha 4.200.000 inglezes, especialmente irlandezes, fóra do sólo patrio; 2.600.000 allemães; 1.077.000 italianos; 750.000 scandinavos; 450.000 hespanhoes e portuguezes e uns 300.000 francezes. A França é a nação que tem mais estrangeiros no seu sólo, pois conta proximamente um milhão. Segue-se a Russia que alberga 314.000 estrangeiros. A Italia essa apenas tem no seu solo 60.000 individuos de diversas nacionalidades.

Y.

SECÇÃO PARLAMENTAR

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 30 d'abril

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abertura da sessão ás 3 horas da tarde. Acta approvada,

O sr. João Arroio referiu-se aos acontecimentos do Porto, historiando largamente os factos.

Accusou o governador civil do Porto de ter procedido arbitrariamente.

Entende que as garantias foram suspensas por aquelle delegado do sr. ministro do reino, pois que foram presos individuos que assistiam como meros espectadores a uma manifestação pacifica. Entre esses presos contavam-se dois estrangeiros, um dos quaes, o sr. Andresen, era um negociante honrado e muito estimado n'aquella cidade.

Accusou o governador civil do Porto de ter prendido os estrangeiros sem que nenhuma lei o auctorisasse a praticar semelhante acto.

Disse que os consules da Inglaterra e Allemanha haviam protestado contra essas prisões.

O sr. presidente do conselho respondeu lendo um officio, que disse ter recebido ha pouco do sr. governador civil do Porto, remettendo a copia de um outro officio que aquella auctoridade dirigira aos consules, antes da chegada da commissão ao Porto. N'este officio o sr. conselheiro Correia de Barros pedia aos consules que aconselhassem os subditos das nações que representam para que não entrassem em manifestações, porque procederia contra aquelles que se envolvessem n'ellas.

O sr. presidente do conselho acrescentou poder affirmar que os manifestantes, segundo informações que tinha, eram quasi todos operarios, os quaes haviam sido ameaçados de serem despedidos dos armazens em que trabalham, se não entrassem na manifestação.

Terminou dizendo que, se houve irregularidades por parte da auctoridade, elle dirá que o governo nunca suspenderá garantias, mas que fará manter a ordem publica.

O sr. João Arroio replicou, dizendo que achava inverosimil que os manifestantes fossem coagidos pelos patrões. Sustentou que os interesses dos operarios estão ligados aos dos patrões e que, portanto os manifestantes procederam por conveniencia propria.

Disse que o que o officio do governador civil do Porto, dirigido aos consules, denuncia medo, tanto por parte do governo como dos seus delegados.

O sr. José de Azevedo Castello Branco perguntou ao sr. ministro dos negocios estrangeiros o que havia ácerca da tomada de Tungue pelas tribus arabes.

O sr. ministro dos estrrangeiros disse que aquella pergunta deveria ter sido dirigida ao seu collega da marinha. Responderia, porém, ao sr. deputado, porque pela pasta a seu cargo tivera conhecimento, embora menos directamente, do que se passara em Tungue.

Declarou que ha tempos o governo soube que se preparava uma qualquer cousa com respeito a bahia de Tungue. Os povos d'aquella região andam turbulentos e, portanto, nada havia que estranhar se se lembrassem de assaltar Tungue. Em vista d'isso, o governo aconselhára o governador geral de Moçambique a tomar as necessarias precauções. O governador reforçara a guarnição de Tungue e mandara um navio de guerra para aquella bahia.

O governo telegraphou ao sultão de Zamzibar, pedindo informações, e recebeu hontem um telegramma em resposta. N'elle assegura o sultão que manterá os direitos de Portugal. E' tudo quanto sabe com respeito ao assumpto.

O sr. José de Azevedo Castello Branco replicou que não crê na influencia do sultão para manter os direitos de Portugal, mas que estimaria que não tenham sido illudidos os bons desejos do governo.

Declarou que por engano dirigira a sua pergunta ao sr. ministro dos estrangeiros. Estimava, porém, haver-se enganado, porque assim poupou um novo desgosto ao sr. ministro da marinha. S. Ex.ª ficou por tal fórma mal visto pela maioria por ter respondido tão sinceramente quando o interrogaram ácerca da questão de Lourenço Marques, que certamente podia acontecer-lhe o mesmo, respondendo ácerca da questão de Tungue, o que elle sentiria.

O sr. Frederico Arouca perguntou ao sr. ministro da fazenda se tencionava isentar de impostos os proprietarios de terrenos devastados pelo filoxera, reduzir o imposto do consumo dos vinhos de 12 a 14 graus e remediar a crise vinicola, facilitando a sahida dos vinhos da colheita do anno findo.

O sr. ministro da fazenda respondeu que apresentará ás córtes um regulamento ácerca d'aquelles impostos e bem assim uma proposta de lei remediando a crise vinicola. Ia passar-se á ordem do dia, mas obtiveram o uso da palavra os srs. Pinheiro Chagas, para apresentar uma nota de interpellação ao sr. ministro da marinha ácerca do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal; e Augusto Fuschini, para requerer a remessa de documentos relativos ao mesmo assumpto.

Tambem fallou o sr. ministro

da marinha para declarar que se achava habilitado a responder á interpellação do sr. Pinheiro Chagas, logo que a mesa marcasse dia para ella se realisar.

ORDEM DO DIA

Continuação da interpellação sobre o pagamento dos 406 contos

O sr. Frederico Laranjo principiou o seu discurso, passando uma larga revista aos argumentos dos deputados opposicionistas sobre a illegalidade do pagamento, argumentos que combateu.

Fez o elogio do sr. Marianno de Carvalho, o qual como ministro prestára à nação, entre outros serviços, o de pôr de parte os intermediarios para os emprestimos de dinheiro ao Estado.

Disse que a divida aos caixas do tabaco fôra reconhecida pelos tribunaes competentes.

Tratou largamente da questão da legalidade do pagamento, apresentando diversos argumentos para a defender.

Disse que a emenda á lei de 22 de maio fôra redigida pela commissão de fazenda, mas que não se podia dizer quem a fez, porque nao é facil averiguar n'um parecer ou projecto de quem são todas as palavras que elle contém.

Disse que fôra o sr. Vicente Monteiro quem escrevera o parecer, pois que aquelle cavalheiro sempre affirmara isso, mas que elle o interpretara de modo diverso do governo. Se o original do parecer desappareceu, tambem desappareceu o relatorio do projecto do caminho de ferro de Cintra a Torres Vedras, sem que d'isso se fizesse cavallo de batalha contra o governo.

Sustentou que não havia duvida alguma de que os liquidatarios haviam recebido os creditos dos herdeiros dos caixas do tabaco, facto este que salvava toda a responsabilidade do ministro que fez o pagamento.

Como desse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

—

Sessão de 1 de maio

Presidencia do sr. Coelho e Campos. Abertura da sessão às 3 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Augusto Fuschini fez novas considerações sobre a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, dizendo que ha-de levar esta questão ao seu ultimo extremo.

Estranhou as palavras proferidas ha dias sobre o assumpto pelo sr. Ressano Garcia.

O sr. ministro da marinha rectificou essas palavras dizendo que o maior defeito do contrato de Lourenço Marques era a ausencia da estipulação relativa ás tarifas.

Disse que, não fallando o contrato de tarifas, não se podia ter dito que dos documentos resultava a liberdade d'ellas.

Referiu que se dissera que o governo era obrigado a manter essa liberdade, dando-se assim a entender, pela palavra obrigado, que elle não concordava com ella.

Accrescentou que as palavras que proferira ha dias em resposta ao sr. Fuschini haviam sido mal entendidas.

ORDEM DO DIA

O sr. Frederico Laranjo, continuando o seu discurso, disse que os quinhões em que o sr. João Arroyo dissera terem sido divididos os 406 contos representavam que os crédores haviam sido enbolsados parcialmente das suas respectivas parcellas.

Comparou a obra financeira do sr. Marianno de Carvalho com a architectura do templo dos Jeronymos.

Disse que o sr. Marianno de Carvalho deixara, durante o tempo que fora ministro da fazenda, de lhe fazer alguns favores, mas que o espirito de justiça devia ser superior a essas pequenas cousas.

Mandou para a meza uma moção de ordem dizendo: «que a camara satisfeita com as explicações do governo passa á ordem do dia.»

Disse que o governo appellava para a opinião da camara e para a opinião publica e não para phantasias politicas.

O sr. João Pinto disse que o governo podia appellar para a maioria mas que não queria de certo appellar para o povo.

Sustentou que a questão fôra esgotada juridicamente pelo discurso do sr. Lopo Vaz ao qual ainda ninguem respondera.

Disse que se o sr. Marianno de Carvalho entendia que devia pagar a divida aos caixas do tabaco deveria tel-a logo incluido na respectiva proposta de lei.

Sustentou que ainda se não pôde averiguar quem fôra o auctor da emenda áquella lei.

Insistiu largamente n'este ponto, concluindo o seu discurso.

COMMUNICADOS

AS ILLEGALIDADES DO PROCESSO

FOZCOA, 2 DE MAIO DE 1889.

Os meus prognosticos, sr. redactor, emquanto á fiança do assassino, realisaram-se. Assim que o juiz Pinto, nódoa da magistratura, principiou manejando o processo do assassinato ao seu sabôr e feitio, assim que o delegado interino Guerra se tornou capacho do mesmo juiz, e ambos elles capachos tambem de muitos outros que não enumeramos, previ logo o que estava para acontecer.

Pergunta-se agora: todas essas illegalidades e despotismos com que se pretendeu proteger o assassino, libertando-o das grades do carcere para talvez não mais voltar, tudo isso que foi obra d'esse juiz das tabernas e d'esse delegado *in nomine*, poderá ser sancionado pelas instancias superiores? Cremos que não. Tudo o que se fez está nullo e ha-de responder por todas as illegalidades e despotismos perante a Relação, pois que já se acha formulada a competente queixa e nos devidos termos. Segundo o decre o de 29 de julho de 1886, art.° 39, § 4.° o juiz depois de transferido entrega logo a vara ao Presidente da Camara, e não pode mais funccionar; mas elle, sr. redactor, continuando no processo do assassinato, commetteu um crime punido pelo art.° 307 do Codigo Penal. Não é só por esta circumstancia que ha nullidade. Ha ainda outra mais importante. Desde o momento em que o juiz é dado como testemunha principal a que muitas outras se referiram, devia logo entregar a sua jurisdicção em quanto ao processo de que é testemunha e depôr o que sabia na presença do Presidente da Camara.

Não succedeu isso, como era de esperar. Lavrou um despacho, sr. redactor, em que declarou que a justiça nada adiantava com o que elle sabia e que por isso continuaria na missão do seu cargo. Houve já aggravo d'este despacho tão excepcional e unico, assim como tambem do despacho que pronunciou o assassino com fiança. D'este despacho aggravou tambem o meretissimo agente do ministerio publico, José Maria de Figueiredo. Quer saber, sr. redactor, emquanto o juiz Pinto arbitrou a fiança ao assassino? Em duzentos mil reis!!... E' bem barata a vida d'um homem, na verdade!

Os habitantes de Melgaço, se tiverem a certeza de que o seu juiz se demora n'essa comarca alguns annos, poder-se-hão matar uns aos outros, porque basta prometter-lhe *qualquer remuneração ou pequena quantidade do fructo da cepa*, para assim lhes dar fiança em 200$000 reis e preparar o processo ao seu feitio com as testemunhas de defeza que desejarem!

Um juiz e um delegado interino que visitam um assassino quasi todas as noutes, na presença mesmo do proprio carcereiro e do João Salvador e filho do abbade das Mós, que lhes dão licença de sahir do quarto onde estava para ir todas ou quasi todas as noites a casa vestido de mulher, que o aconselhara a requerer exame do corpo de delicto, a indicar testemunhas e a entregar-se á prisão, estão abaixo de toda a critica! Nunca se viu, sr. redactor, tanto escandalo e uma protecção a mais descarada por parte d'estas duas auctoridades judiciaes, juiz Pinto e delegado Guerra. A justiça e a equidade foi calcada aos pés; havia o compromisso de dar fiança ao réu e por este motivo saltou-se por cima de tudo.

Quando a lei não é respeitada e cumprida por aquelles que têm restricta obrigação de a respeitar e cumprir, n'esse caso, governemo-nos sem ella e façamos tudo o que desejar-mos fazer. Se alguem fôr meu inimigo, posso matal-o, porque sei que não ha justiça para castigar o meu procedimento criminal. Já sabiamos que o juiz Pinto era estupido e a nódoa da magistratura; não sabiamos, porém, que era máu.

Aguardâmos, porém, as decisões das instancias superiores. E' possivel e provavel, que alem de ser annullado todo o processo, sr. redactor, o juiz seja castigado severamente, segundo as suas culpas merecem. Quando um juiz e um delegado interino procedem d'esta forma, melhor seria applicar-lhe outro castigo que me occorre á ideia.

Um seu assignante.

SECÇÃO AGRICOLA

CHRONICA DE ABRIL E FACTOS DIVERSOS

Situação viticola.—A temperatura ordinaria da primavera, que vae correndo, não tem sido das mais favoraveis ao desenvolvimento das vinhas. O frio extraordinario, acompanhado de vento e humidade, tem sido o tempo reinante da quadra que atravessamos, cujos effeitos não podiam ser beneficos para a rebentação e floração das videiras.

No emtanto, temos as melhores noticias das regiões ao sul do Tejo, onde a *amostra* é abundantissima; succede até que alguns proprietarios, que teem ainda os toneis cheios, se lastimam de tão bons auspicios para a colheita futura; mas estas boas esperanças não são geraes, porque localidades ha, mórmente para o norte, onde as vinhas teem soffrido com as irregularidades da estação.

Da Merceana, centro da vasta região vinicola da Extremadura, dizem-nos o seguinte, com data de 14:

As vinhas por aqui estão atrazadissimas, não só devido á invasão phylloxerica, cujos estragos devem este anno ser consideraveis, mas tambem aos frios que tem feito.

A *Tinta-meuda* está tão fechada como se estivessemos em janeiro.

O *Tintorro (Bom-vedro* ou *Tinta-grossa)*, como rebenta mais cedo, tem quasi desapparecido com o frio; havendo sitios onde esta planta mais abunda, como por exemplo na freguezia de Cabanas de Torres, que assenta nos contrafortes da serra de Montejunto, que a novidade completamente perdida.

O *Carrasquenho* começa agora a rebentar *mostrando* rasoavelmente.

Das plantas americanas pouco ou nada posso dizer, porque tambem estão muito atrazadas.

A minha bacellada de *Jacquez* do anno passado tem rebentado bem, e algumas varas que deixei trazem um e dois cachos em cada olho.

O que se dá na Merceana deve dar-se em outras localidades mais predispostas para serem influenciadas com as variações atmospherica; todavia, em geral, pelo que nos consta, não ha motivos que destruam as esperanças d'um anno viticola regular.

Os salarios têem baixado em todos os centros vinhateiros, mas não tanto como a falta de recursos dos lavradores faria desejar.

Com relação á venda dos vinhos o mal aggrava-se. Continuam paralysadas as transacções, porque não ha quem compre, e algum comprador que se descobre offerece preços absolutamente insignificantes.

Esta situação é geral, e acarreta graves complicações aos lavradores que precisam de recursos para fazer face aos grangeios correntes.

As vinhas em França apresentam indicios favoraveis para a colheita proxima, e estes indicios bastaram para que os proprietarios submettessem á venda muito vinho por preços baixissimos.

D'aqui resulta que os vinhos estrangeiros chegados ao mercado de Bordeaux estão sem collocação, expostos ao tempo nos caes de desembarque, com grave risco de se perderem, como a alguns já tem succedido.

As presumpções, pois, infelizmente, são de que tão cedo não haverá animação de compras nem alta de preços.

Novo processo de applicação do sulfureto de carbonio.—O proprietario do Chateau Lagrange (Medoc), Mr. Feuillerat, conhecendo, por experiencia de alguns annos, que o sulfureto de carbonio é ainda o melhor meio de defender as plantações europeias dos estragos da phylloxera, e o unico que até hoje tem mostrado a sua efficacia; mas percebendo que a sua rapida evaporação prejudica muitas vezes as cepas, perdendo-se, sem proveito, boa parte da acção d'este insecticida, imaginou diluil-o n'um corpo gordo, que melhor regulasse a evaporação rapida e attenuasse os effeitos prejudiciaes, que algumas vezes se notam na applicação do sulfureto puro.

Para chegar a este resultado, o alludido proprietario, que já o anno passado tratou pelo seu systema 400:000 cepas, emprega uma mistura de sabão de oleato de potassa e agua com o sulfureto de carbonio, nas percentagens seguintes:

3 partes ou 50 por 100 em peso de sulfureto de carbonio
1 » » 17 » 100 de sabão molle puro (oleato de potassa)
2 » » 33 » 100 de agua

Este composto, a que o seu inventor dá o nome de *sulfopotassio*, prepara-se do seguinte modo: — deitam-se os 17 kilogrammas de sabão (oleato de potassa) e os 33 kilogrammas de agua n'um barril de ferro, e fazem-se dissolver completamente; feita a fusão completa do sabão na agua, juntam-se os 50 kilogrammas de sulfureto de carbonio, tapando hermeticamente o barril. Em seguida faz-se rolar o barril o tempo necessario para que a mistura do insecticida se effectue. Se se emprega a agua quente para dissolver o sabão, é necessario deixal-a arrefecer antes de juntar o sulfureto, pois, do contrario, provocar-se-hia uma explosão violenta. O composto deve ser mexido antes de ser empregado.

Mr. Feuillerat applica o seu *sulfopotassio* misturado com agua, do mesmo modo que se emprega o sulfo-carbonato: abre-se uma caldeira em volta de cada cepa, deitam-se 30 a 60 grammas do *sulfo-potassio* n'uma vasilha, contendo 20 a 25 litros d'agua, e depois de tudo bem mexido, applica-se na caldeira aberta a cada cepa.

Como se vê, o remedio é simples e facil de preparar; cada proprietario o póde fazer em casa e não lhe ficará muito caro.

E' claro que não podemos affiançar os resultados, pois a cada passo estão a apparecer inventos d'esta natureza, que na pratica não produzem os effeitos desejados; no emtanto, recommendamos aos nossos leitores que o experimentem e pedimos que nos informem dos resuldados.

O desavinho da uva.—Um notavel horticultor francez, Mr. Ch. Baltet, tem estudado muito, ultimamente, as causas do desavinho, que tanto deminue as colheitas em certas regiões.

Dos seus estudos e das numerosas experiencias que tem realisado, com a incisão annular e outros processos recommendados, conclue aquelle horticultor que as causas principaes do desavinho são:

1.° O excesso de vigor das cepas. —2.° Uma vegetação enfesada.—3.° A humidade e o arrefecimento da temperatura durante a floração.

Mr. Baltet combate a 1.ª causa com uma cultura e poda bem apropriada.

Corrige a vegetação enfesada com grangeios reparadores, podas curtas, e estrumações ricas em azote e potassa.

A influencia das intemperies é combatida com a desponta dos sarmentos, a suppressão das gavinhas, a desponta do cacho, a incisão annular e a enxertia das cepas.

Na opinião do sabio viticultor, Mr. Pulliat, a enxertia das cepas muito sujeitas ao desavinho, é o melhor processo de defeza d'este flagello e de qualquer outra atrophia dos bagos da uva.

Escolhendo-se os garfos nas cepas menos atreitas ao desavinho, e enxertando-os nas castas, que tem manifesta tendencia para desavinhar, podem preserverar-se as colheitas d'este grande mal, que, em certos annos, causa enormes prejuizos.

F. d'Almeida e Brito.

SECÇÃO LITTERARIA

COMO OS BURGUEZES SE AMAM

(REALISMOS)

A Mimi tinha sido uma creança interessante; mas como em casa lhe davam muito mimo, a sua educação foi bastante descurada.

No collegio havia ordem para não a fatigar com muito estudo, e por isso a sua instrucção ficou muito incompleta.

Quando sabia tocar no piano a valsa *O beijo*, o *Miserere* do *Trovador* e a quadrilha dos *Lanceiros*, veio para casa e era o regosijo da familia.

O pae da Mimi, o sr. Melgas, honrado burguez, que era membro da Associação Commercial, tinha sido vogal d'uma junta de parochia e havia já sido convidado para camarista, sentia-se feliz quando ouvia a filha executar alguns compassos de musica no piano e considerava-se muito ditoso quando contemplava uns desenhos que ella bordára n'uns sapatos, desenhos representando a cabeça d'uma arára e umas gingas.

*

A Mimi estava crescida, já fazia figura nos passeios, nas visitas, no theatro e até em algumas reuniões de familia em que se dançava até ás 10 horas da noite e não mais, porque o sr. Melgas era um homem de negocio, um homem trabalhador, queria deitar-se ás suas horas, para levantar-se depois cêdo.

A questão do casamento da filha ainda vinha longe segundo a opinião d'elle, porque só casára com a sr.ª D. Felicia aos quarenta annos e quando esta respeitavel matrona orçava pelos trinta e cinco; comtudo *a epoca era agora outra* e a pequena talvez começasse a *namorar algum maltrapilho* e assim já o somno do bom Melgas era ás vezes sobresaltado por este pensamento: —devo tratar de ver como heide casar a minha Mimi!

A's vezes, porém, os acontecimentos correm tão vertiginosamente como o proprio pensamento, e com relação ás paixões que agitam o coração das meninas solteiras se essas meninas tocam o *Beijo* e o *Miserere* e escrevem cartas sem orthographia, então a velocidade aproxima-as da propria corrente electrica.

*

Um rasgo de alta generosidade e uma verdadeira estravagancia para o viver e habitos do sr. Melgas, foi a resolução de ir passar com a familia uns vinte dias ao Bussaco, porque o medico indicára ao solicito pae de familia, e acreditado negociante, que era preciso que elle fosse tomar alguns banhos a Luzo e dar uns passeios pela matta.

Aquella gente nunca tivera uma tão ampla distracção! O Melgas estava installado no hotel do Serra; depois d'almoço ia até á matta, jogava por lá a bisca com alguns amigos, a D. Felicia conversava com o Francisco sacristão sobre o viver dos frades carmelitas, e a Mimi em companhia d'outras meninas alugava um burro do Nazario e dava longos passeios até ao Calvario, ao Monumento, á Cruz Alta, etc.

Os pulmões do bom burguez tomavam melhor ar, a sr.ª Felicia achava admiravel a cosinha do hotel e a menina Mimi nunca se vira tão feliz como n'aquellas paragens.

*

Uma tarde jornadeára Mimi até á Cruz Alta; ao chegar alli, com todo o desembaraço prendeu o burro a um azinheiro e sentou-se a fazer uma corôa com as plantas que ia colhendo.

Outra qualquer pessoa que tivesse alma d'artista, espirito observador, boa critica e apurado gosto, deter-se-hia mais em contemplar a adoravel paisagem; mas a Mimi achou mais bonito colher urzes e outras plantas e fazer uma corôa:—são gostos!

Estava assim muito descançada quando alli chegou uma *cavalgata* de varios visitantes, os quaes depois de estracionarem um pouco, seguiram em direcção ao Monumento.

Na occasião em que elles se apartavam, o burro, que estava mal preso, solta-se e segue aos saltos pelo carreiro fóra; Mimi assusta-se, corre a segurar a alimaria; mas cae desastradamente e muito mal lhe succederia se viesse na carabana de visitantes o sr. Silva, caixeiro de cobranças d'uma casa do Porto, e que, conhecendo a sympathica menina, ajudou a erguel-a, correu a agarrar o animal que fugia e acompanhou Mimi até ao pateo da portaria do convento onde os paes já a estavam esperando anciosos.

*

O que se passou no regresso do sr. Melgas para o Porto e na correspondencia trocada entre o Silva e aquella menina, não m'o perguntem; sejam tão curiosos como eu, que de tantas vezes que tenho estado no Bussaco nunca me lembrou perguntar ao Nazario em que burro costumava a Mimi dar os seus passeios: o que posso dizer e com toda a segurança é que, passados dois annos, estava o Silva casado com Mimi e o pae Melgas mostrava-se contente.

Posso ainda acrescentar que vivem muito bem e são muito felizes, um e outro, ou tanto um como outro; e se não vejam isto:—

Ha dias encontrei-os no americano na occasião de irem passeiar até a uma pequena quinta que possuem nos suburbios do Porto.

Silva, conversando com a esposa, dizia que era precizo fazer mais umas despezas com a propriedade e comprar talvez um garrano ou um boi para trabalhar á nóra. A sr.ª Mimi disse logo com viveza e não pouca malicia: — Olha o que tu deverias comprar era um burro; eu estimaria muito mais, porque me lembrava dos tempos do Bussaco e da occasião em que nos encontramos lá...

—Ora essa! De que te lembras tu agora!... disse o Silva.

— Deixa-me cá, sempre quero conservar as recordações da vez primeira em que te vi, obtemperou a esposa,— olha que todas as vezes que vir o pobre animal lembro-me de ti e ha-de recordar-me o nosso amor!

Silva gostou da amabilidade da esposa e ella ficou muito satisfeita por ter tido mais uma vez o ensejo de asseverar quanto que lhe queria.

Em seguida comprou-se o burro, escolhendo-se da mesma côr do que havia no Bussaco.

Oh! são muito felizes!... o sr. Silva e a sua esposa. Já se vê...

Porto, 1889.

Mario Veiga.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 29

Decreto auctorisando a officina de S. José, da cidade do Porto, a comprar dois bocados de terreno para ampliar o seu edificio.

Boletim de sanidade maritima declarando infeccionados da epidemia da febre amarella os portos da provincia de Piura, na Republica do Peru, e suspeitos da mesma molestia os demais portos da referida republica.

Portarias mandando abrir concurso de provas publicas, perante os respectivos prelados, para o provimento das parochias de S. Salvador do Campo, no concelho de Santo Tirso; Genisio e Bicote, no concelho de Miranda.

Aviso para a entrega das obrigações de 4 por cento do emprestimo de 1888, em troca dos titulos provisorios.

Portaria com as instrucções regulamentares para os estudos ampelograficos e oenologicos.

Diario de 30

Mappa dos saldos dos espolios em liquidação no consulado de Pernambuco, referido ao mez de maio de 1888.

Secretaria da camara dos deputados.

Representação dos professores primarios da circumscripção do Porto, relativamente á lei de 9 de agosto de 1888 e instrucções regulamentares de 27 de dezembro do mesmo anno.

Diario de 1

Annuncio de estar aberto concurso documental, pelo praso de 30 até 60 dias, para o provimento de tres canonicatos na sé de Braga, dois, na do Porto, e dois na de Vizeu, tendo annexa a obrigação do ensino das disciplinas ecclesiasticas nos respectivos seminarios.

Portaria com as instrucções para a publicação das folhas da carta agricola do reino e para os trabalhos de estatistica agricola.

Decreto mandando abrir um inquerito sobre o estado, condições e necessidades da industria no paiz e situação dos operarios.

Decreto creando as escolas industriaes de Bragança e Thomar.

100

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ
OU
O REGRESSO DO CRUZADO

A sua teima diminuia de dia em dia gradualmente com os carinhos da sua pupilla, e por causa do orgulho que lhe inspiravam, quasi contra a sua vontade, as façanhas militares de seu filho. Alem de que elle não era insensivel á honra, que faria á sua casa uma alliança com a raça d'Alfredo, quando a de Eduardo-o-Confessor renunciava para sempre ao throno. A aversão de Cedric contra a dynastia dos reis normandos tambem perdia de força, primeiramente pelas reflexões que elle fazia sobre a impossibilidade de libertar seu paiz, sentimento que muito contribue a inspirar lealdade aos subditos, e depois pela attenção e bom recebimento que lhe fazia Ricardo, que, como o diz o manuscripto de Wardour, trabalhou tão bem o espirito do soberbo saxonio, que, antes de ter passado oito dias na sua côrte, deu o seu consentimento ao casamento de seu filho com a sua pupilla.

Assim que foi alcançado o consentimento de Cedric, o casamento de Wilfred celebrou-se depressa no mais augusto dos templos, na nobre sé de York. O rei mesmo assistiu a elle, e as attenções que prodigalizou n'esta occasião e em muitas outras aos seus subditos saxonios, até então opprimidos e degradados, lhes deram mais segurança de serem tratados com justiça e imparcialidade, do que poderiam razoavelmente esperar do resultado incerto d'uma guerra civil. Esta ceremonia foi celebrada com toda a pompa que a igreja romana sabe dar ás suas solemnidades.

Gurth ficou como escudeiro ao serviço de seu novo amo, a quem tão fielmente tinha servido, e o magnanimo Wamba passou igualmente ao serviço d'Ivanhoé com o consentimento de Cedric, que lhe fez presente n'esta occasião d'um soberbo barrete de bufão, ornado com campainhas de prata. Ambos tinham partilhado os perigos e a adversidade de Wilfred; ambos, como tinham direito de o esperar, ficaram juntos d'elle para partilhar a sua prosperidade.

Os normandos e os saxonios de distincção foram convidados ás festas d'este casamento, que se tornou um penhor de paz e de harmonia. As duas raças, depois d'esta época mesclaram-se ambas de tal modo, que já não é possivel distinguil-as. Cedric viveu assaz para vêr esta união quasi completa, pois que, á medida que os dous povos se frequentaram mais e contrahiram novas allianças, os normandos tornaram-se menos orgulhosos, e os saxonios mais civilisados. Não foi comtudo senão um seculo depois, no reinado d'Eduardo III, que se fallou na côrte de Londres a nova lingua que hoje se chama ingleza; que todo o espirito de hostilidade foi totalmente extincto entre os saxonios e os normandos, e que as duas raças não formaram mais do que uma.

No segundo dia depois do seu casamento, lady Rowena foi informada, pela sua aia Elgitha, que uma donzella desejava apresentar-se a ella, e fallar-lhe sem testemunhas. Lady Rowena ficou sobre maneira admirada. Hesitou ao principio, mas levou-a de vencida a curiosidade, e deu ordem ás pessoas do seu sequito para que se retirassem, e disse a Elgitha que fizesse entrar a desconhecida.

Era uma mulher d'um porte magestoso, cujo longo e branco véu que a envolvia, encobria a sua elegancia e dignidade, sem as occultar de todo. Apresentou-se com modo respeitoso, mas sem nenhuma apparencia de temor, sem parecer procurar ganhar as boas graças d'aquella a quem se dirigia. Lady Rowena, que estava sempre prompta para accolher os que lhe pediam algum favor, levantou-se e convidou a estrangeira a assentar-se; mas esta, lançando os olhos sobre Elgitha, mostrou de novo o desejo de não ter testemunhas da sua conversa. Assim que a aia se retirou, se bem que a seu pezar, com grande espanto de lady Rowena a bella desconhecida dobrou o joelho diante d'ella, inclinou a cabeça, e, não obstante a resisteucia de lady Rowena, beijou-lhe a orla do vestido.

— Que quer dizer isso? disse a bella saxonia, e porque me dais uma prova de respeito tão extraordinaria?

— Porque é a vós, digna esposa d'Ivanhoé, respondeu Rebecca levantando-se e tomando o ar sereno e digno que lhe era natural; porque é a vós que eu posso legitimamente, e sem exprobrar-me, pagar o tributo do reconhecimento que devo a Wilfred d'Ivanhoé. Eu sou... perdoai o atrevimento com que me apresentei diante de vós; eu sou a desgraçada judia, por quem vosso esposo expoz os seus dias no campo de Templestowe.

— Donzella, diz lady Rowena, Wilfred, n'esse dia memoravel, não fez mais do que pagar fracamente a divida de gratidão, que os vossos cuidados caridosos lhe tinham feito contrahir. Fallai; ha por acaso alguma cousa em que elle ou eu possamos servos uteis?

— Não, respondeu Rebecca com socego, a não ser o apresentar-lhe as minhas despedidas, e a expressão do meu reconhecimento.

— Deixais pois a Inglaterra? perguntou lady Rowena apenas recobrada da surpreza, que lhe tinha causado esta visita extraordinaria.

— Sim, nobre dama, antes que a lua mude. Meu pae tem um irmão mui protegido de Mohamed Boabdil, rei de Granada; vamos ter com elle; e estamos certos d'achar ali a paz e a tranquillidade, pagando o tributo que os mosulmanos exigem dos hebreos.

— Não acharieis a mesma protecção, e a mesma segurança em Inglaterra? Wilfred gosa do favor do rei, e Ricardo mesmo é tão justo como generoso.

— Não duvido, nobre dama. Mas o povo de Inglaterra é uma raça de homens soberbos, amigos de contendas e desordens, sempre promptos para tomarem as armas uns contra os outros. Este paiz não pode efferecer um azilo seguro aos filhos do meu povo. Ephraim é uma pomba timida; Issachar um servo sobre carregado, que succumbe sob duplice carga. Não é n'um paiz dilacerado por facções interiores, rodeado de inimigos por todos os lados, que os filhos errantes de Jacob podem esperar repouso.

— Mas vós, senhora, não tendes nada que temer em Inglaterra. Os saxonios e os normandos se reuniram para respeitar e honrar aquella, cuja benevolencia prestou tão relevantes serviços a Ivanhoé.

— Vossos discursos são seductores, nobre dama, mas a minha resolução é inabalavel. Um abysmo está aberto entre nós. A educação, a crença religiosa, tudo conspira para nos separar. Adeus.

— Mas, antes que vos deixe, concedei-me uma graça; levantai esse véu que me esconde feições, a que a fama dá tantos elogios.

— Não merecem attrahir a attenção, disse Rebecca; mas não me recuso a isso com a condição que vós me concedereis o mesmo favor.

Ambas levantaram os seus véus, e ou fosse effeito da timidez, ou da convicção intima que ambas tinham da belleza de sua rival, as faces de lady Rowena se tingiram d'um vivo rubor, Rebecca córou igualmente; mas esta sensação só durou um instante; dominada por uma commoção mais forte dissipou-se como a purpura que adorna as nuvens, quando o sol deixa o horisonte.

— Nobre dama, disse ella a lady Rowena, as feições que vos dignas-tes mostrar-me viverão muito tempo na minha lembrança. A doçura e a bondade estão pintadas n'ellas, e se uma tinta da soberba do mundo, ou das suas vaidades se reune á expressão da amabilidade, como se poderia reprehender a um vaso de barro de conservar alguns indicios da sua origem? Sim, lembrar-me-hei por longo tempo das vossas feições, e abençôo o céu por deixar o meu nobre libertador unido a...

Faltou-lhe a voz, e saltaram-lhe as lagrimas dos olhos. Apressou-se a limpal-as, e lady Rowena, tendo-lhe perguntado com interesse se acaso se achava indisposta:

— Não, nobre senhora, lhe disse ella, mas não posso pensar em Torquilstone sem experimentar uma commoção mui viva. Adeus. Mas resta-me um ultimo favor a pedir-vos: acceitai esta caixa, e não desdenheis trazer o que ella contém.

A estas palavras, apresentou-lhe uma caixinha de marfim, enriquecida de ornatos de prata: lady Rowena abriu-a, e achou n'ella um collar e brincos de diamantes, que eram de grande valor.

— É impossivel, disse lady Rowena, querendo entregar-lh'a, que eu acceite um presente de tão grande preço.

— Conservai-o, nobre senhora, disse Rebecca: tendes em vosso favor a distincção, o credito e o poder: nós não possuimos senão a riqueza, que é ao mesmo tempo a causa da nossa força e da nossa fraqueza. O valor d'essas bagatellas, dez vezes multiplicado, não teria tanta influencia como o menor dos vossos desejos. Este presente é pois de pouco valor para vós, e de menos ainda para mim. Não me façais crêr que partilhais os injustos prejuizos da vossa nação a respeito da minha. Pensais vós que eu estimo essas pedras brilhantes mais do que a minha liberdade, ou que meu pae lhes dê mais apreço do que á vida e honra de sua filha? Acceitai-as, nobre dama; ellas não teem valor para mim, e nunca mais trarei similhantes joias.

— Acaso não sois feliz? exclamou lady Rowena commovida de vêr como a bella judia tinha proferido estas ultimas palavras. Ficai comnosco. Os conselhos de homens piedosos vos converterão á nossa santa fé, e eu vos farei as vezes de uma irmã.

— Não, proseguiu Rebecca com a melancholia suave que se fazia notar na sua physionomia, como na sua voz, não póde ser: não posso deixar a religião de meus paes, como um vestido que não convém ao clima que habito. Comtudo não serei desgraçada. Aquelle a quem vou consagrar a minha vida futura será o meu consolador, se cumprir com a sua vontade.

— O vosso povo tem conventos? contais entrar em algum d'elles?

— Não, minha senhora; mas, desde o tempo d'Abraham até aos nossos dias, acharam-se na nossa nação santas mulheres, que elevaram ao céu todos os pensamentos, e que se dedicaram a alliviar a soffredora humanidade, tratando dos doentes, consolando os afflictos, e soccorrendo os indigentes. É entre ellas que se ha de alistar Rebecca. Dizei-o ao vosso nobre esposo, se acaso elle se informar do destino d'aquella, a quem salvou a vida.

Percebia-se um temor involuntario na voz de Rebecca, uma expressão de tornura nos seus accentos, que dizia talvez mais do que ella queria exprimir; mas deu-se pressa em pôr fim a esta scena, dizendo a lady Rowena:

— Adeus! possa o pae commum dos judeus derramar sobre vós todas as suas bençãos! O navio em que partimos ha de levantar ancora logo que chegarmos ao porto.

Retirou-se, deixando a bella saxonia tão enternecida como se houvera tido uma visão. Lady Rowena deu parte d'esta conferencia singular ao seu esposo, em cujo espirito produziu uma viva impressão. A união de Ivanhoé e de Rowena foi longa e feliz, pois que a sua mutua affeição tinha augmentado com os annos, e tomado nova força com os proprios obstaculos que encontrára. Comtudo seria levar a curiosidade mui longe perguntar se a lembrança dos encantos, e da magnanimidade de Rebecca, se não apresentou ao espirito de Wilfred mais vezes, do que a bella descendente de Alfredo o teria desejado. Ivanhoé destinguiu-se no serviço de Ricardo, de quem recebeu novos favores. De certo se teria elevado mais a não ser a morte prematura d'este heroe pondo assédio ao castello de Chalus, perto de Limoges. Com este monarcha generoso, mas temerario e romanesco, acabaram todos os nobres projectos, que a sua ambição tinha formado. Póde-se-lhe applicar, com uma leve mudança, o que Johnson disse de Carlos da Suecia:

Em quanto põe em apertado sitio
Longe da patria alheias fortalezas,
Por ignotas mãos lhe corta a Parca o fio
Á vida e ás inclytas emprezas.
Morreu, deixou o mundo que assustára,
E seu nome jazeria em esquecimento,
Se em seus bronzes a historia o não guardára
Para servir a outros de escarmento.

FIM

CORREIO DE LISBOA

3 DE MAIO DE 1889.

Realisou-se ante-hontem o jantar dos congressistas. As decorações que vimos durante o dia, e que descrevemos, duplicavam d'effeito á claridade da luz electrica. As mezas estavam cheias e os camarotes bem guarnecidos. As presidencias da meza foram occupadas pelo sr. ministro da justiça, que tinha á direita, o sr. ministro dos negocios estrangeiros e á esquerda o sr. ministro da guerra, e pelo sr. dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, á direita do qual estava o sr. Mendes Vigo, ministro de Hespanha n'esta côrte e á esquerda o sr. conselheiro José Dias Ferreira. O banquete começou ao som do hymno real. Ao *champagne* fizeram-se os seguintes brindes: A' familia real portugueza, pelo ex.mo sr. D. Mendes Vigo—A' familia real hespanhola, pelo ex.mo Ministro dos Estrangeiros.—Ao congresso, pelo ex.mo sr. Pinto Coelho.—A' associação dos advogados, pelo ex.mo Ministro da Justiça.—Aos congressistas estrangeiros, pelo ex.mo sr. Dias Ferreira.—Aos congressistas portuguezes, pelo ex.mo D. Alvares Talladriz.—A's universidades, pelo ex.mo sr. D. Frutos Martinez y Lombreras.—A' magistratura, pelo ex.mo sr. Avelino Callisto.—Ao fôro, pelo ex.mo sr. Manuel d'Assumpção.—A' Academia Real das Sciencias, pelo ex.mo sr. Tavares de Medeiros.—A' Associação Commercial, pelo ex.mo sr. Pinheiro Chagas.—A' imprensa, pelo ex.mo sr. Manuel d'Arriaga. A's 11 horas terminou a festa, que deixou no animo de todas as mais gartas recordações.

— Como meio de conseguir que os nossos vinhos vão ter maior consumo nas duas capitaes, o governo vae apresentar uma proposta diminuindo o imposto que agora pagam tanto no Porto como em Lisboa. Bom será porém que a medida se estenda ás outras povoações que consomem o genero. A barateza promoveria o augmento do consumo e o viticultor lucraria com isso. Não falta ao governo nem acção nem boa vontade. Contestar esta verdade é que ninguem póde.

Mandaram-se tambem vir do estrangeiro œnologos habilitados para ensinarem os nossos productores a prepararem os vinhos no gasto dos que maior consumo tem em differentes paizes. Tudo isto são medidas de incontestavel alcance, visto que a nossa produção vinicola é hoje a primeira producção do paiz e a sua principal riqueza.

— Sahiram para Villa Viçosa os srs. duques de Bragança.

— Verificou-se aqui a antiga procissão da imagem da Senhora da Saude, acompanhada pela de S. Sebastião da irmandade dos Artilheiros. O prestito ia pomposo. Sobre os andores choviam petalas de rosas lançadas das janellas, pelas senhoras. Iam as bandas de todos os corpos da guarnição. No couce do prestito iam tambem contingentes da armada real, e de todos os corpos da guarnição. O sr. infante D. Affonso, que ia de opa e murça sobre o seu uniforme de artilheria, acompanhou a procissão durante todo o trajecto. S. M. a rainha visitou a ermida d'onde sahiu a procissão. A sr.ª condessa de Almedina offereceu uma almofada bordada por ella á Senhora da Saude; e uma devota anonyma brindou a mesma imagem com uns brincos de ouro e brilhantes.

No Poço de Borratem, em um recinto apropriadamente armado, distribuiu-se por este motivo um abundante bodo aos pobres.

Foi preso á porta da ermida da Senhora da Saude, quando a procissão recolhia, o capellão da igreja do Loreto o revd.º Luiz Nunes Mourão, que, vestido á secular, levantou a bengala e assentou duas bengaladas em dois soldados de infanteria, e aggrediu tambem o policia n.º 52. Para poder ser conduzido ao commissariado, foi necessario reunirem-se ao policia n.º 52, os dois soldados, dois paisanos e um cabo de policia da freguezia de S. Vicente. A' entrada do calabouço ainda o padre aggrediu outro policia, rasgando-a farda ao n.º 67.

— A companhia das Lezirias tem nas suas propriedades do Riba Tejo cerca de 12.000 cabeças de gado vacum.

— A cidade de Montpellier está muito impressionada com a morte desastrosa de Pereira Barreto, um rapaz portuguez de 17 annos, que era alumno da Escola de Agricultura. O pobre rapaz foi accommettido da nostalgia da patria, e morreu ferido por quatro tiros de rewolver.

— Desce aqui o preço dos salarios dos trabalhadores. Em Villa Franca o preço dos melhores é de 180 réis.

— E' tão avultada a quantidade de mercadorias que existem nos armazens da alfandega para despachar, que não ha onde guardar os generos.

— Vão partir para Pariz, a fim de serem curados por Pasteur, por terem sido mordidos por um cão hydrophobo, um homem e um menor, vindos de Arouca.

Y.

—

A' ultima hora.—O governo vai publicar providencias concedendo a todos os negociantes de vinhos do Porto e Gaya, e a outros quaesquer que tenham armazens, os depositos geraes nos mesmos termos concedidos á companhia Vinicola do Norte.

— O sr. padre Nunes Mourão, preso hontem por desordem á entrada da procissão da Saude na egreja, foi affiançado pelo sr. prior da Lapa, o qual se compromettêu a que o affiançado se apresentaria hoje em juizo depois de dizer a missa das 11 no Loreto. O padre veio effectivamente dizer a missa, mas á sahida conseguiu illudir a vigilancia do regedor da Encarnação, que o esperava para o acompanhar á Boa Hora, e poz-se a andar caminho de casa, onde se metteu e d'onde declara não querer sahir nem amarrado. Amanhã tenciona a policia cercar a egreja do Loreto, á sahida da missa, a fim de effectuar a prisão. O padre já esteve em Rilhafolles.

Y.

CARTA DO PORTO

4 DE MAIO DE 1889.

Meus amigos.—Uma parte de commerciantes de vinhos, instrumentos conscientes da politica regeneradora, resolveram-se a dar cumprimento ao que haviam dito, fechando os armazens de trabalho e despedindo os matulas. Não entram n'este arriscado lance as principaes casas portuenses, como a da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, Cardoso Valente, e outras; nem as acreditadas casas inglezas dos srs. Sandman & Companhia, Martinez Gassiote, Diedrich Freuherd e outras. No desatino entra só tudo o que é regenerador e pouco mais. O que rezulta de tudo isto é apenas mal para os que assim procedem, porque terão de suspender o fabrico e remessas e por consequinte vendas. O governo não cede nem póde ceder, e ai d'elle e ai da ordem publica se cedesse n'uma questão d'estas. O facto da suspensão de trabalhos passou-se pacificamente. Os operarios receberam na quinta-feira féria de 4 dias e retiraram-se, sem nenhuma demonstração de sentimento. Foram para suas casas onde o governo lhes proporciona trabalho. Já alguns o pediram e foi-lhes immediatamente concedido.

O concelho de Villa Nova está actualmente governado pelo sr. Carvalho Lamas, um homem de pulso, capaz de manter o principio da auctoridade e de não permittir nenhuma offensa á lei e á ordem publica. Está alli tambem uma força da municipal e outra de cavallaria. A força está alojada na rua do General Torres e na casa do sr. José Antonio Dias.

O escriptorio da Companhia Vinicola abriu-se já e os seus trabalhos d'armazem vão começar sem demora, admittindo n'elles uma grande parte da gente despedida d'outras casas.

E' preciso desenganar alguns homens do Porto de que não valem tudo, de que não pódem quanto pretendem poder. Esta gente não é o paiz: são apenas uma parte muito pequena d'uma grande cidade. Contel-os pois nos devidos lemites é uma necessidade reconhecida por todos. E hão de conter-se.

Sei agora que estão abertos oito armazens, alguns pertencentes a inglezes, e n'outros trabalha-se com as portas fechadas. Tambem se conservam abertas bastantes tanoarias. Até ao meio dia foram ao governo civil 90 trabalhadores pedir trabalho, e ahi receberam guias: 40 para as obras publicas, e 50 para a alfandega. Todos se retiraram contentes. Ha completo socego no Porto e em Gaya.

O sr. Manuel Gomes da Silva, importante mestre d'obras e vereador da camara de Gaya, offereceu-se ao sr. governador civil para admittir ao seu serviço 100 tanoeiros e 500 operarios, dando áquelles 400 reis diarios e a estes 300 reis. Até hontem de tarde foram concedidas 200 guias a trabalhadores. Hoje espera-se muito maior numero. Estes retiram-se contentes, por que muitos melhoraram consideravelmente de situação.

— Falleceu aqui a ex.ma sr.ª D. Libania Candida Correia d'Abreu. O seu testamento é um modelo de piedade christã, pois que determina n'elle que por sua alma se digam duas mil missas, mil por seu marido, duzentas por seu pae e sua mãe, cem por sua avó, cem por seu thio Luiz, cem por seu sogro e cincoenta pelas almas mais necessitadas—ao todo 3:550, e todas da esmola de 500 reis, devendo ser celebradas dentro do praso de dois annos. E porque realmente são muitas missas a dizer é possivel que os testamenteiros encontrem difficuldade no cumprimento d'esta disposição. Para se lhe poder dar cumprimento, é necessario que cem clerigos não digam missas durante um anno com outra aplicação. E' verdade que o preço convida. Além d'esta sua disposição ha muitos outros legados pios.

— O sr. visconde de Pereira Machado está gravemente doente. Sua ex.ª teve a infelicidade de ficar debaixo do cavallo que montava quando este, empinando-se, caiu sobre o cavalleiro, que é um famoso *sportman*. Sentem todos o infortunio do honrado titular, que é geralmente bem visto. O seu estado é tão grave que para atenuar a bulha que os carros fazem em frente da sua habitação, lançou-se uma quantidade de palha na rua, para passarem sobre ella.

Alguns jornaes d'aqui publicaram hontem a seguinte carta:

Sr. redactor:—Porto, 2 de maio. Hontem á noite, quando eu e differentes pessoas dobravamos a esquina da rua de Santa Catharina para a de Passos Manuel, fomos subitamente envolvidos e fustigados na face por fios telephonicos, que nos repuxavam e castigavam insistentemente, como que movidos por um diabolico machinismo. A' primeira carga, ninguem pôde imaginar que diabo aquillo era! Apurado o caso, era o seguinte: um carro funerario tinha, com o apice, apanhado alguns fios da rêde, e fazendo-os cair á rua, n'elles se emmaranhavam os transeuntes, persistindo em os arrastar com elle para o cemiterio! Isto é inacreditavel! Convido v. a olhar para a altura em que se acham alguns fios telephonicos, para verificar como o publico se acha ameaçado de ser arrastado atraz dos defuntos!

Por me parecer assumpto de alguma attenção, o communico a v. para d'elle ter conhecimento, e sobre elle chamar a attenção de quem compete, se d'essa attenção v. o julgar digno. De v. etc., *Antonio Ignacio Pereira de Freitas.*

E' effectivamente caso que obriga a tomar providencias que evitem este incommodo a quem transita.

— Reuniu hontem a parceria da fabrica de papel de Ruães, resolvendo, para aproveitar a força motora hydraulica que sobra da fabricação de papel, introduzir n'aquelle importante estabelecimento a fiação, tecidos e tinturaria de algodão. Para este effeito a parceria proprietaria d'aquella fabrica será transformada em Companhia.

— O sr. Guilherme Gomes Fernandes, inspector geral dos incendios, foi na noute anterior acomettido d'um ataque cerebral, chegando a dar cuidado a sua familia e amigos. Felizmente, na hora em que escrevo, está livre de perigo.

— De Lamego dizem em data de hontem o seguinte:

« Lavra profundo desgosto entre os lavradores por causa da guerra iniqua que alguns negociantes do Porto fazem á Companhia Vinicola do Norte. O paiz vinhateiro do Douro aguarda unido e firme o resultado do movimento politico-mercantil contra os seus legitimos interesses, subsistindo o mesmo enthusiasmo pela nova Companhia. »

— A Direcção da Companhia Vinicola já hontem tomou posse dos grandes armazões do tunel da Serra do Pilar para estabelecer as suas tanoarias e para depositar os seus vinhos, esperando empregar n'esses serviços, já, mais de mil trabalhadores e operarios. Responde assim aos seus adversarios.

Os armazões do tunnel pertencentes á companhia do caminho de ferro, alojam mais de 6:000 pipas de vinho e mais de 1:000 operarios em trabalho.

Os grevistas tambem tractam de comprar os carroceiros para que não venham fazer serviço a Villa Nova, offerecendo-lhes 1$000 reis por dia. Estão doidos!

— Para prevenir qualquer eventualidade, porque os grevistas procuram arrastar tambem comsigo os barcaceiros, já aqui se acham os vapores da fiscalisação *D. Luiz I* e *Marianno de Carvalho*. E' positivo, posso garantir-lhe—que os insurreccionados nada conseguirão, porque lhes falta a acquiescencia da cidade—unanime, póde dizer-se, em condemnar o procedimento dos discolos.

W.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANTONIO AMBROSIO

6, ADRO DE CIMA, A. S. BARTHOLOMEU

COIMBRA

Tem para alugar:

Bandeiras para paus e cordas de differentes tamanhos. Ditas com armas reaes, galhardetes, tambem de differentes tamanhos. Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas, o que tudo alluga por preços commodos.

PILULAS DE BLANCARD

DE

IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo. — PARIS

1853 — 1855

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla* ou *difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento inficl, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junctio.

Pharmac^n em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as **Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos de Mercurio, Irritação** causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. **PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES** para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS

Exigir em o rotulo a firma **Adh. DETHAN**, Pharm em PARIS.

HOTEL SERRA

LUZO

O antigo Hotel Serra, de Luzo, melhorou as suas condições, fazendo uma casa nova, d'onde se gozam encantadoras vistas. Ha na nova e antiga habitação excellentes sallas e quartos mobilados de novo—tudo com a maior decencia. Este antigo e acreditado estabelecimento melhorou muito as condições da sua cópa e cosinha, sem alterar os preços uzuaes. Os criados são de toda a fidelidade, o serviço regularissimo, e acha-se já aberto e em serviço effectivo.

MULLA

VENDE-SE n'esta cidade uma excellente mulla de tiro e sella, mestra e de corpo. Quem a pretender póde fallar no escriptorio d'esta redacção que aqui se lhe dirá onde póde ser vista e com quem se póde tratar do seu ajuste.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de uiho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS

LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, lhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferrro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

DOENÇAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES

Tratados pela Academia.

COMPLEMENTO do tratamento pela

INJECÇÃO RAQUIN

MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO

Exija-se a Assignatura **RAQUIN** e o Sello official do Governo Francez.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub^g St Denis, PARIS

E TODAS AS PHARMACIAS.

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fora publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez son lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.^os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apeite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

SILVESTRES

VERSOS DE VIDAL OUDINOT

Está aberta a assignatura n'esta Redacção.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos buaes veem a luz publica pela primeira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Qnem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 89—Porto.

GASTAO TISSANDIER

OS MARTYRES DA SCIENCIA

Obra vertida livremente e consideravelmente ampliada com noticias e exemplos de varões illustres de Portugal e Brazil por Adolpho Portella, e illustrada por Camille Gilbert e E. A, Tilly.

A casa editora Alcino Aranha & C.ª offerece como brinde a todos os assignantes d'esta valiosa publicação uma artistica oleographia, em grande formato, copia do celebre quadro de A. Van Der Venne *A Volta da Caça, na Valachia.*

Condições da assignatura: Esta importantissima publicação formará um bello volume de 450 paginas, illustrado com 34 magnificas gravuras, sendo 22 grandes, de pagina. O formato é em 8.º grande, e o texto impresso em typo elzeviriano de bello effeito, com uma impressão muito nitida. O frontispicio é impresso a duas côres, vermelho e preto, e as capas de brochura para este volume são impressas a tres cores, vermelho, preto e ouro, em excellente papel e serão offerecidas gratuitamente aos srs. assignantes. Esta obra de vulgarisação compor-se-ha de 14 fasciculos, distribuindo-se um fasciculo por semana contendo cada um 32 paginas de texto, e uma ou mais gravuras de pagina.

O preço de cada fasciculo dos *Martyres da Sciencia* é apenas de 120 reis pagos no acto da entrega. Terminada a publicação, custará o volume dos *Martyres da Sciencia* 2$000 reis, custando por assignatura apenas 1$680, havendo por conseguinte um bonus a favor do assignante, além do brinde, a que não terá direito o comprador avulso. Nas provincias o pagamento será feito adiantadamente e por series de 4 ou mais fasciculos, ficando as despezas de expedição a cargo da casa editora.

As pessoas que garantirem dez assignaturas terão direito a um exemplar gratis.

Para que todos os srs. assignantes possam ajuizar da execução do trabalho artistico d'esta explendida e interessantissima edição, pódem desde já examinar o primeiro fasciculo em distribuição em todas as livrarias e em poder dos nossos correspondentes e distribuidores.

Todas as assignaturas devem ser dirigidas á Casa Editora Alcino Aranha & C.ª, rua do Bomjardim, 95, 1.º andar, Porto, e a todas as livrarias e correspondentes da mesma casa editora.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Saeras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

ANDRE LAURIE

OS EXILADOS DA TERRA

Notavel romance de viagens maravilhosas no genero dos de Julio Verne, com esplendidas illustrações de Jorge Roux. As estampas de pagina, são parte aguarelladas, parte impressas a duas côres.

Cada caderneta, 60 reis—Distribuição semanal. Lisboa e Porto: 60 reis, pagos no acto da entrega.—Provincia: 120 reis de duas em duas semauas, 2 cadernetas.

Pedidos de assignatura pódem ser feitos á Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa, ou á Filial no Porto, 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar, assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes da mesma Companhia Nacional Editora.

JACK, O ESTRIPADOR

ROMANCE DE ACTUALIDADE

Illustrado com gravuras.—Recente producção de James Middleton, ácerca dos crimes de Londres.—10 reis cada folha, 10 reis cada gravura. Lisbo e Porto, 60 rei por semana, pagos no acto da entrega.—Provincia, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Assigna-se no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27de jhluo de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicado até hoje, incluindo os regulamentos para a *serviço dos expostos e abandonados*, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancio em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

EDUARDO COELHO JUNIOR

Retalhinhos—Contos Originaes..... 500

FERNANDES COSTA

O livro das soledades—Echos da Andaluzia..... 600

ALBERTO PIMENTEL

Atravoz do passado..... 500

EÇA DE QUEIROZ

Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes..... 2$000

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO